



Celebrado o primeiro dia mundial dos pobres

O grande pecado da indiferença

Mesmo se «aos olhos do mundo têm pouco valor», os pobres «abrem-nos a via do céu, são o nosso “passaporte para o paraíso”», recordou o Papa Francisco durante a missa presidida na manhã de domingo, 19 de novembro, na basílica vaticana, na presença de quase sete mil necessitados, pessoas menos abastadas e desabrigados, além de numerosos voluntários.

Instituído pelo Pontífice em 2016 com a carta apostólica *Misericordia et misera* na conclusão do jubileu da misericórdia, o primeiro dia mundial dos pobres viveu em São Pedro o seu solene momento celebrativo. E prosseguiu no sinal da solidariedade na Sala Paulo VI, onde o Papa partilhou o almoço com cerca de mil e quinhentos indigentes de diversos países.

Na homilia da missa, inspirando-se na parábola dos talentos, Francisco frisou que «a omissão é o grande pecado em relação aos pobres». E torna-se verdadeira «indiferença» quando nos viramos «para o outro lado no momento em que o ir-



mão está em necessidade» ou ignoramos «o mal sem nada fazer», esquecendo-nos de que «nos pobres se manifesta a presença de Jesus», o qual «de rico se fez pobre».

«Amar o pobre significa lutar contra todas as pobreza espirituais e materiais», afirmou Francisco. Eis então os votos – formulados durante o Angelus recitado na praça de São

Pedro depois da missa – para que «os pobres estejam no centro das nossas comunidades não só em momentos como este mas sempre; porque eles estão no coração do Evangelho, neles encontramos Jesus que nos fala e nos interpela através dos seus sofrimentos e necessidades». Deve ser interpretado neste sentido o sucessivo apelo lançado pelo Pontífice a favor das «populações que vivem uma pobreza dolorosa por causa da guerra e dos conflitos». A comunidade internacional o Papa pediu «que se façam todos os esforços possíveis para favorecer a paz, em particular no Médio Oriente». E dirigiu «um pensamento especial ao querido povo libanês», invocando «a estabilidade do país, a fim de que possa continuar a ser uma “mensagem” de respeito e convivência para toda a região e para o mundo inteiro». Francisco elevou também uma prece «por todos os homens da tripulação do submarino militar argentino, do qual se perderam os vestígios».

PÁGINAS 8 E 9

Tratamentos e remédios acessíveis a todos

Enfrentar as desigualdades globais em matéria de saúde

As indústrias farmacêuticas devem garantir o direito ao acesso às terapias essenciais e necessárias sobretudo os países menos desenvolvidos. Foi o apelo lançado pelo Papa Francisco por ocasião da conferência internacional sobre o tema «Enfrentar as desigualdades globais em matéria de saúde», realizado no Vaticano.

Numa carta dirigida ao cardeal Turkson, presidente do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, que promoveu o encontro, o Pontífice recordou que «as estratégias no campo da saúde,

que visam promover a justiça e o bem comum, devem ser sustentáveis sob o ponto de vista económico e ético».

Citando a nova Carta dos agentes no campo da saúde, o Papa sublinhou que «o direito fundamental à tutela da saúde diz respeito ao valor da justiça» e solicita «uma distribuição equitativa de estruturas sanitárias e de recursos financeiros». Isso significa – reafirmou – que «enquanto não forem solucionados radicalmente os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta

dos mercados e da especulação financeira e combatendo com força as causas estruturais da iniquidade, não se resolverão os problemas do mundo». Uma admoestação relançada também na véspera do primeiro Dia mundial dos pobres, celebrado a 19 de novembro.

PÁGINA 7



Lalit Jain, «Dignidade humana» (2014)

PÁGINA 5

Proximidade e proporcionalidade das terapias

Curar sem obstinação

«Sabendo que nem sempre podemos garantir a cura da doença, contudo da pessoa viva podemos e devemos cuidar sempre: sem abreviar nós mesmos a sua vida, mas também sem nos obstinarmos inutilmente contra a sua morte». Recordou o Papa Francisco, frisando a importância da medicina paliativa, na mensagem enviada aos participantes no meeting regional europeu da *World medical association* sobre as questões do fim da vida, que teve lugar de 16 a 17 de novembro na sala antiga do Sinodo.

Mensagem à Cop23

Lutar contra os efeitos da crise ambiental

Renovado apelo de Francisco à colaboração e ao compromisso para contrastar os efeitos da crise ambiental. O convite está contido na mensagem papal enviada ao primeiro-ministro das Ilhas Fiji, que preside à 23ª sessão da Conferência dos Estados-Parte da Convenção-Quadro da Onu sobre as mudanças climáticas (Cop23), concluído em Bonn, Alemanha, até 17 de novembro.

PÁGINA 12

Ao Pontifício conselho para a cultura

Compromisso a favor da humanidade

PÁGINA 3

À união apostólica do clero

Espiritualidade diocesana

PÁGINA 4

Partilha harmoniosa

Francisco conferiu o Prémio Ratzinger de 2017

Amadados irmãos e irmãs, sinto-me feliz por vos receber por ocasião deste encontro anual para conferir os Prémios às ilustres personalidades que me foram apresentadas pela Fundação Vaticana Joseph Ratzinger – Bento XVI e pelo seu Comité Científico. Saúdo antes de mais os Premiados, os membros e os amigos da Fundação, e agradeço ao Cardeal Kurt Koch e ao Padre Lombardi que nos introduziram no significado deste evento culminante das vossas atividades, finalizadas à promoção da pesquisa teológica e do compromisso cultural animado pela fé e pelo impulso da alma rumo a Deus.

Juntamente convosco dirijo um pensamento afetuoso e intenso ao Papa emérito Bento. A sua oração e a sua presença discreta e encorajado-

ra acompanham-nos no caminho comum; a sua obra e o seu magistério continuam a ser uma herança viva e preciosa para a Igreja e para o nosso serviço. Precisamente por isto convidado a vossa Fundação a prosseguir o compromisso, estudando e aprofundando esta herança e ao mesmo tempo olhando em frente, a fim de valorizar a sua fecundidade quer com a exegese dos escritos de Joseph Ratzinger, quer para continuar – segundo o seu espírito – o estudo e a pesquisa teológica e cultural, entrando também nos âmbitos novos nos quais a cultura atual solicita a fé ao diálogo. O espírito humano tem sempre necessidade urgente e vital deste diálogo: precisa dele a fé, que se abstrai se não se encarnar no tempo; tem necessidade dele a razão, que se desumaniza se não se elevar



Arvo Pärt executa ao piano o seu «Vater Unser» com uma voz branca da Academia Nacional de Santa Cecília

ao Transcendente. Com efeito «a fé e a razão – afirmava São João Paulo II – constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade» (Carta enc. *Fides et ratio*, Introdução).

Joseph Ratzinger continua a ser um mestre e um interlocutor amigo para todos os que exercem o dom da razão para responder à vocação humana da busca da verdade. Quan-

do o Beato Paulo VI o chamou para assumir a responsabilidade de arcebispo de München e Freising, ele escolheu como lema “*Cooperatores veritatis*”, “Colaboradores da verdade”, palavras que extraiu da Terceira Carta de João (v. 8). Elas expressam bem o inteiro sentido da sua obra e do seu ministério. Este mote sobressai nos diplomas dos Prémios que

CONTINUA NA PÁGINA 10

Na próxima viagem papal a Myanmar e Bangladesh Construir concórdia e cooperação

Por ocasião da próxima viagem a Myanmar, programada de 26 a 30 de novembro, o Papa Francisco enviou à população do país asiático uma mensagem vídeo da qual publicamos o texto.

Queridos amigos!

Enquanto me preparo para visitar Myanmar, desejo transmitir uma palavra de saudação e de amizade a todo o seu povo. Não vejo a hora de vos encontrar.

Vou para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo, uma mensagem de reconciliação, perdão e paz. A minha visita quer confirmar a comunidade católica de Myanmar na sua fé em Deus e no seu testemunho do Evangelho, que ensina a dignidade de cada homem e mulher, e exige que abramos os nossos corações aos outros, especialmente aos pobres e necessitados.

Ao mesmo tempo, desejo visitar a Nação com espírito de respeito e encorajamento por cada esforço que visa construir harmonia e cooperação no serviço ao bem comum. Nós vivemos numa época em que os crentes e os homens de boa vontade sentem cada vez mais a necessidade de crescer na compreensão e no respeito recíproco, e de se sustentarem uns aos outros como membros da única família humana. Porque todos somos filhos de Deus.

Sei que muitos em Myanmar estão a trabalhar intensamente para preparar a minha visita, e agradeço-lhes. Peço a cada um para rezar a fim de que os dias em que estiver convosco possam ser fonte de esperança e encorajamento para todos. Sobre vós e as vossas famílias invoco as divinas bênçãos de alegria e de paz! Até logo!



Crentes e homens de boa vontade estão chamados a ser «membros da única família humana», disse o Papa numa mensagem ao Bangladesh, onde estará de 30 de novembro a 2 de dezembro.

Prezados amigos!

Enquanto me preparo para visitar o Bangladesh daqui a poucos dias, desejo transmitir uma palavra de saudação e amizade a todo o seu povo. Não vejo a hora do momento em que poderemos estar juntos.

Vou como ministro do Evangelho de Jesus Cristo, para proclamar a sua mensagem de reconciliação, perdão e paz. A minha visita tenciona confirmar a comunidade católica do Bangladesh na sua fé e no seu testemunho do Evangelho, que ensina a dignidade de cada homem e mulher, e nos chama a abrir o coração ao próximo, particularmente aos mais pobres e necessitados.

Ao mesmo tempo, desejo encontrar-me com todo o povo. De modo especial, não vejo a hora de me encontrar com os líderes religiosos em Ramna. Vivemos numa época em que os crentes e os homens de boa vontade em toda a parte são chamados a promover a compreensão recíproca e o respeito, a ajudar-se uns aos outros como membros da única família humana.

Sei que muitos no Bangladesh trabalham ativamente para preparar a minha visita, e agradeço-lhes. Peço a cada um que ore para que os dias em que eu estiver convosco possam ser fonte de esperança e ânimo para todos. Sobre vós e vossas famílias, invoco as bênçãos divinas da alegria e da paz. Até breve!



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL • EM PORTUGUÊS
Unicuique suum • Non praevalent

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação

via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39066989420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico

telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionemilano.com

Não a um progresso científico em benefício de poucos

O Santo Padre pediu que pesquisas e investimentos visem o bem comum

Com um firme não ao progresso científico em benefício de poucos, o Papa Francisco pediu que a pesquisa e os investimentos visem o bem da humanidade inteira. Recebendo na manhã de 18 de novembro, na sala do Consistório, os participantes na assembleia plenária do Pontifício conselho para a cultura — que tinha começado no dia 15 — o Pontífice propôs uma reflexão sobre o tema dos trabalhos dedicados ao «Futuro da humanidade: novos desafios à antropologia». Eis o texto do discurso do Santo Padre.

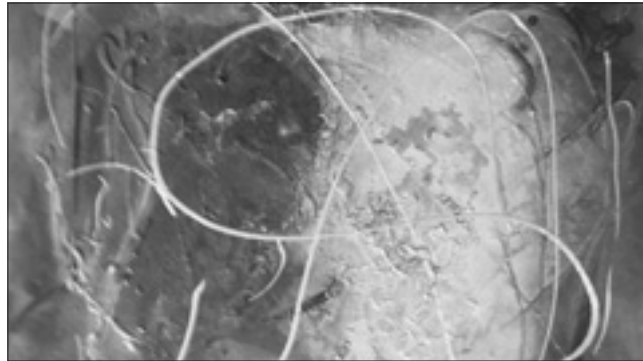
Caros irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas e agradeço ao Cardeal Gianfranco Ravasi a sua saudação e introdução. Esta vossa Assembleia Plenária escolheu como tema a questão antropológica, propondo-se compreender as linhas futuras de desenvolvimento da ciência e da técnica. Entre os numerosos possíveis argumentos de debate, a vossa atenção concentrou-se de maneira particular em três tópicos.

Em primeiro lugar, a *medicina e a genética*, que nos permitem olhar para dentro da estrutura mais íntima do ser humano e até intervir nela para a modificar. Elas tornam-nos capazes de debelar doenças que até há pouco tempo eram consideradas incuráveis; mas abrem também a possibilidade de determinar os seres humanos, “programando”, por assim dizer, algumas das suas qualidades.

Em segundo lugar, as *neurociências* oferecem cada vez mais informações sobre o funcionamento do cérebro humano. Através delas, realidades fundamentais da antropologia cristã como a alma, a consciência de si e a liberdade aparecem agora sob uma luz inédita e até podem ser postas seriamente em discussão por parte de alguns.

Finalmente, os incríveis progressos das *máquinas autónomas e pensantes*, que em parte já se tornaram componentes da nossa vida quotidiana, levam-nos a meditar sobre aquilo que



Anneke van Opstal, «Progresso»

é especificamente humano e nos torna diferentes das máquinas.

Todos estes desenvolvimentos científicos e técnicos induzem algumas pessoas a pensar que nos encontramos num momento singular da história da humanidade, quase na alvorada de uma nova era e no surgimento de um novo ser humano, superior àquele que conhecemos até agora.

Com efeito, são grandes e graves as interrogações e as questões que devemos enfrentar. Em parte, elas foram antecipadas pela literatura e pelos filmes de ficção científica, que se fizeram eco de temores e de expectativas dos homens. Por isso a Igreja, que acompanha com atenção as alegrias e as esperanças, as angústias e os medos dos homens do nosso tempo, deseja colocar a pessoa humana e as questões que lhe dizem respeito, no centro das próprias reflexões.

A pergunta sobre o ser humano: «Que é o homem, para pensardes nele?» (Sl 8, 5) ressoa na Bíblia desde as suas primeiras páginas e acompanhou todo o caminho de Israel e da Igreja. A esta interrogação, a própria Bíblia ofereceu uma resposta antropológica que já se delinea no

Gênesis e percorre toda a Revelação, desenvolvendo-se em volta dos elementos fundamentais da *relação* e da *liberdade*. A relação ramifica-se segundo uma triplíce dimensão: rumo à matéria, à terra e aos animais; rumo à transcendência divina; rumo aos outros seres humanos. A liberdade exprime-se na autonomia — naturalmente relativa — e nas opções morais. Durante séculos esta estrutura fundamental alicerçou o pensamento de grande parte da humanidade e ainda hoje conserva a sua validade. Mas, ao mesmo tempo, hoje damos conta de que os grandes princípios e os conceitos essenciais da antropologia são frequentemente postos em questão, inclusive com base num maior conhecimento sobre a complexidade da condição humana, e exigem um ulterior aprofundamento.

A antropologia é o horizonte de autocompreensão em que todos nos movemos e determina também a nossa noção do mundo e as escolhas existenciais e éticas. Nos dias de hoje, ela tornou-se com frequência um horizonte fluido e mutável, em virtude das mudanças socioeconómicas, dos deslocamentos de populações e dos relativos confrontos interculturais, mas também da propagação de uma cultura global e, sobretudo, das incríveis descobertas da ciência e da técnica.

Como reagir a estes desafios? Antes de tudo, devemos expressar a nossa gratidão aos homens e às mulheres de ciência pelos seus esforços e pelo seu compromisso a favor da humanidade. Este *apreço pelas ciências*, que nem sempre soubemos manifestar, encontra o seu fundamento último no desígnio de Deus, que «nos escolheu antes da criação do mundo [...] No seu amor, Ele predestinou-nos para sermos seus filhos adotivos» (Ef 1, 3-5), confiando-nos o cuidado da criação: «cultivar e salvaguardar» a terra (cf. Gn 2, 15). Precisamente porque o homem é imagem e semelhança de um Deus que criou o mundo por amor, o cuidado de toda a criação deve seguir a lógica da gratuidade e do amor, do serviço e não do domínio nem da prepotência.

A ciência e a tecnologia ajudaram-nos a aprofundar os confins do conhecimento da natureza e, em particular, do ser humano. Mas elas sozinhas não são suficientes para dar todas as respostas. Hoje compreendemos cada vez mais que é necessário haurir dos tesouros de sabedoria conservados nas tradições religiosas do saber popular, da literatura e nas artes, que tocam profundamente o mistério da existência humana, sem esquecer, aliás voltando a descobrir, os tesouros contidos na filosofia e na teologia.

Como eu quis afirmar na Encíclica *Laudato si'*: «Torna-se atual a necessidade imperiosa do humanismo, que faz apelo aos distintos saberes [...] para uma visão mais integral e integradora» (n. 141), de maneira a superar a trágica divisão entre as «duas culturas», a humanista-literária-teológica e a científica, que leva a um empobrecimento recíproco, e a encorajar um diálogo mais profundo também entre a Igreja, comunidade de crentes, e a comunidade científica.

Por sua vez, a Igreja oferece alguns grandes princípios para apoiar este diálogo. O primeiro é a *centralidade da pessoa humana*, que deve ser considerada um fim e não um meio. Ela deve estar em relação harmoniosa com a criação, portanto não despótica com a herança de Deus, mas uma guardiã amorosa da obra do Criador.

O segundo princípio que é necessário recordar é aquele do *destino universal dos bens*, que diz respeito também aos do conhecimento e da tecnologia. O progresso científico e tecnológico serve para o bem da humanidade inteira e os seus benefícios não podem favorecer apenas poucas pessoas. Deste modo, evitar-se-á que o futuro acrescente novas desigualdades baseadas no conhecimento, aumentando assim a discrepância entre ricos e pobres. As grandes decisões sobre a orientação da pesquisa científica e sobre os investimentos nela devem ser tomadas pelo conjunto da sociedade e não ditadas apenas pelas regras do mercado ou do interesse de poucos.

Enfim, permanece sempre válido o princípio segundo o qual *nem tudo o que é tecnicamente possível ou realizável é por isso mesmo eticamente aceitável*. A ciência, como qualquer outra atividade humana, sabe que tem limites a respeitar, para o bem da própria humanidade, e precisa de um sentido de responsabilidade ética. A verdadeira medida do progresso, como recordava o Beato Paulo VI, é aquela que visa o bem de todo o homem e do homem todo.

Estou grato a todos vós, Membros, Consultores e Colaboradores do Pontifício Conselho para a Cultura, pelo precioso serviço que desempenhais. Invoco sobre vós a abundância das Bênçãos do Senhor e peço-vos, por favor, que oreis por mim. Obrigados!

Visita «ad limina» dos bispos da Hungria

Na manhã de segunda-feira, 20 de novembro, Francisco recebeu os prelados da Conferência episcopal da Hungria em visita «ad limina Apostolorum». Antes da audiência na Sala Clementina o Pontífice benzeu uma cruz de três metros de altura, que pesa 60 quilos, a qual contém as relíquias de 23 santos húngaros. A cruz será levada em peregrinação a todas as dioceses do país em preparação para o 52º congresso eucarístico internacional programado em Budapeste no ano de 2020



O Papa recordou que bispos, sacerdotes e diáconos estão ao serviço da comunidade

Uma espiritualidade diocesana

A «espiritualidade diocesana» é a «chave hermenêutica» para definir o papel de bispos, sacerdotes e diáconos ao serviço das Igrejas particulares, recordou o Papa Francisco no seguinte discurso que dirigiu aos participantes na assembleia internacional da União Apostólica do clero, recebidos a 16 de novembro, na sala do Consistório.

Amados sacerdotes
Caros irmãos e irmãs!

«Oh, como é bom, como é agradável que os irmãos vivam unidos!» (Sl 133, 1). Estes versículos do Salmo inserem-se bem depois das palavras de Monsenhor Magrin, entusiasta presidente da Confederação Internacional da União Apostólica do Clero. É verdadeiramente uma alegria encontrarmos-nos e sentirmos a fraternidade que brota entre nós, chamados ao serviço do Evangelho a exemplo de Cristo, Bom Pastor. Dirijo a minha cordial saudação a cada um de vós, tomando-a extensiva aos representantes da União Apostólica dos Leigos.

Nesta Assembleia meditaís sobre o ministério ordenado “na, para e com a comunidade diocesana”. Em continuidade com os encontros precedentes, tencionais de focalizar o papel dos pastores na Igreja particular; e nesta releitura, a chave hermenêutica constitui a *espiritualidade diocesana*, que é espiritualidade de comunhão à maneira da *Comunhão trinitária*. Monsenhor Magrin ressaltou esta palavra, “diocesanidade”: trata-se de uma palavra-chave. Com efeito, o mistério da Comunhão trinitária é o excelso modelo de referência da comunhão eclesial. Na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, São João Paulo II recordava que «o grande desafio que nos espera no milénio que começa» é precisamente este: «Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão» (n. 43). Isto exige, em primeiro lugar, que se «promova uma espiritualidade da comunhão», a qual se torne um «princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão» (*ibid.*). E hoje temos muita necessidade de comunhão, na Igreja e no mundo.

Tornamo-nos especialistas em espiritualidade de comunhão, antes de tudo graças à conversão a Cristo, à abertura dócil à ação do seu Espírito e ao acolhimento dos irmãos. Como bem sabemos, a fecundidade do apostolado não depende unicamente da atividade e dos esforços organizativos, embora eles sejam necessários, mas em primeiro lugar da ação divina. Tanto hoje como no passado, os santos são os evangelizadores mais eficazes, e todos os batizados são chamados a tender para a medida alta da vida cristã, ou seja, para a santidade. Com maior razão, isto diz respeito aos ministros ordenados. Penso na mundanidade, na tentação da mundanidade espiritual, muitas vezes escondida na rigidez: uma chama a outra, são “meias-irmãs”, uma chama a outra. O *Dia mundial de oração pela santificação do clero*, que se celebra todos os anos na festa do Sagrado Coração de Jesus, constitui uma ocasião propícia para im-

plorar do Senhor o dom de ministros zelosos e santos para a sua Igreja. A fim de realizar este ideal de santidade, cada ministro ordenado é chamado a seguir o exemplo do Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas. E de onde haurir esta caridade pastoral, a não ser do Coração de Cristo? Nele, o Pai celestial encheu-nos de infinitos tesouros de misericórdia, ternura e amor: aqui podemos encontrar sempre a energia espiritual indispensável para irradiar no mundo o seu amor e a sua alegria. E para Cristo nos conduz, todos os dias, inclusive a relação filial com a nossa Mãe, Maria Santíssima, de modo especial na contemplação dos mistérios do Rosário.

Intimamente unido ao caminho da espiritualidade está o compromisso na *ação pastoral* ao serviço do povo de Deus, visível no hoje e na realidade da Igreja local: os pastores são chamados a ser “servos sábios e fiéis” que imitam o Senhor, cingem aos rins o avental do serviço e se debruçam sobre a vida das próprias comunidades, para compreender a sua história e para viver as suas alegrias e dores, expectativas e esperanças da grei que lhe for confiada. Com efeito, o Concílio Vaticano II ensinou que a maneira adequada para que os ministros ordenados alcancem a santidade é «o exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no Espírito de Cristo»; «com efeito, eles são ordenados para a perfeição da vida, em virtude das próprias ações sagradas, que eles desempenham diariamente, assim como de todo o seu ministério» (Decreto *Presbyterorum ordinis*, 12-13).

Vós frisais precisamente que os ministros ordenados adquirem um justo estilo pastoral, cultivando também *relacionamentos fraternos* recíprocos e participando no *caminho pastoral da sua Igreja diocesana*, dos seus encontros, projetos e iniciativas que põem em prática as linhas programáticas. Uma Igreja particular tem



um rosto, ritmos e escolhas concretas; deve ser servida cada dia com dedicação, dando testemunho da sintonia e da unidade que é vivida e desenvolvida com o bispo. O caminho pastoral da comunidade local tem como ponto de referência imprescindível o plano pastoral da diocese, o qual deve ser anteposto aos programas das associações, dos movimentos e de qualquer grupo particular. E esta unidade pastoral, de todos ao redor do bispo, construirá a unidade na Igreja. É muito triste quando num presbitério descobrimos que esta unidade não existe, é aparente. E ali predominam as bisbilhotices; os mexericos destroem a diocese, aniquilam a unidade dos presbíteros, entre si mesmos e com o bispo. Irmãos sacerdotes, recomendo-vos, por favor: vemos sempre coi-

sas desagradáveis nos outros, sempre – porque este olho não tem catarata – os olhos estão prontos para ver as coisas desagradáveis, mas recomendo-vos que não cedais às bisbilhotices. Se vejo coisas desagradáveis, rezo ou, como irmão, falo. Não faço como o “terrorista”, porque os mexericos são um terrorismo. As intrigas são como lançar uma bomba: destro o outro e vou-me embora tranquilo. Por favor, nada de bisbilhotices; elas são o caruncho que corrói o tecido da Igreja, da Igreja diocesana, da unidade entre todos nós.

Além disso, a dedicação à Igreja particular deve manifestar-se sempre com maior alcance, que nos torne *atentos à vida da Igreja inteira*. A comunhão e a missão são dinâmicas correlativas. Tornamo-nos ministros para servir a própria *Igreja particular*, na docilidade ao Espírito Santo e ao próprio bispo, e em colaboração com os demais presbíteros, mas com a consciência de fazer parte da *Igreja universal*, que ultrapassa os confins da própria diocese e país. Com efeito, se a missionariedade é uma propriedade essencial da Igreja, é-o sobretudo aquele que, ordenado, é chamado a exercer o ministério numa comunidade por sua natureza missionária, e a ser educador para a mundialidade – não para a mundanidade, para a mundialidade! Efetivamente, a missão não é uma opção individual, devida à generosidade pessoal ou porventura a desilusões pastorais, mas é uma escolha da Igreja particular que se torna protagonista na comunicação do Evangelho a todos os povos.

Estimados irmãos sacerdotes, rezo por cada um de vós e pelo vosso ministério, assim como pelo serviço da União Apostólica do Clero. E oro também por vós, caros irmãos e irmãs. Que a minha bênção vos acompanhe. E recomendo-vos: não vos esqueçais de rezar inclusive por mim, porque também eu preciso de orações. Obrigado!

Visita «ad limina» do episcopado do Uruguai



Na manhã de quinta-feira 16 de novembro o Papa Francisco recebeu em audiência os prelados da Conferência episcopal do Uruguai, em visita «ad limina»

«Devemos sempre cuidar» do doente que vive a fase terminal da sua existência, «sem abreviar nós mesmos a sua vida, mas também sem nos obstinarmos inutilmente contra a sua morte». Foi quanto recomendou o Pontífice na mensagem enviada aos participantes no encontro regional europeu da *World medical association* sobre as questões que dizem respeito ao fim da vida, que teve lugar nos dias 16 e 17 de novembro, na Sala antiga do Sínodo.

Ao Venerado Irmão
D. Vincenzo Paglia
Presidente da Pontifícia
Academia para a Vida

Envio a minha cordial saudação a Vossa Excelência e a todos os participantes no Encontro Regional Europeu da *World Medical Association* sobre as questões do chamado “fim da vida”, organizado no Vaticano juntamente com a Pontifícia Academia para a Vida.

O vosso encontro concentrar-se-á nas questões que dizem respeito ao fim da vida terrena. São perguntas que sempre interpelaram a humanidade, mas hoje adquirem formas novas devido à evolução dos conhecimentos e dos instrumentos técnicos que se tornaram disponíveis graças ao engenho humano. Com efeito, a medicina desenvolveu uma capacidade terapêutica cada vez maior, que permitiu debelar numerosas doenças, melhorar a saúde e prolongar o tempo de vida. Portanto, desempenhou um papel muito positivo. Por outro lado, hoje é também possível prolongar a vida em condições que no passado nem sequer se podiam imaginar. As intervenções no corpo humano tornaram-se cada vez mais eficazes, mas nem sempre são resolutivas: podem sustentar funções biológicas que se tornaram insuficientes, ou até substituí-las, mas isso não equivale a promover a saúde. Por conseguinte, é necessário um suplemento de sabedoria, porque hoje é mais insidiosa a tentação de insistir com tratamentos que produzem fortes efeitos no corpo, mas por vezes não beneficiam o bem integral da pessoa.

O Papa Pio XII, num discurso memorável que dirigiu, há 60 anos, a anestesistas e reanimadores, afirmou que nem sempre é obrigatório empregar todos os meios terapêuticos potencialmente disponíveis e que, em determinados casos, é lícito abster-se deles (cf. *Acta Apostolicae Sedis* XLIX [1957], 1027-1033). Portanto, é moralmente lícito renunciar à aplicação de meios terapêuticos, ou suspendê-los, quando a sua utilização não corresponde àquele critério ético e humanista que em seguida será definido “proporcionalidade dos tratamentos” (cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Declaração sobre a eutanásia*, 5 de maio de 1980, IV: *Acta Apostolicae Sedis* LXXII [1980], 542-552). O aspeto peculiar deste critério é que toma em consideração «o resultado que se pode esperar, atendendo ao estado do doente e às suas forças físicas e morais» (*ibid.*). Portanto, permite chegar a uma decisão que se qualifica moralmente como renúncia ao “encarniçamento terapêutico”.



Younju Jung
«The end of the life»

Curar sem encarniçamento

Francisco recomendou proximidade e proporcionalidade das terapias

É uma escolha que assume responsabilmente o limite da condição humana mortal, no momento em que constata que já não o pode contrastar. «Não que assim se pretenda dar a morte; simplesmente se aceita o facto de a não poder impedir», como especifica o *Catecismo da Igreja Católica* (n. 2278). Esta diferença de perspectiva restitui humanidade ao acompanhamento do morrer, sem abrir justificações para a supressão do viver. Com efeito, vemos bem que o facto de não utilizar meios desproporcionados ou de suspender o seu uso, equivale a evitar o encarniçamento terapêutico, ou seja, cumprir uma ação que tem um significado ético completamente diferente da eutanásia, que permanece sempre ilícita, porque se propõe interromper a vida, causando a morte.

Certamente, quando nos imergimos no aspeto concreto das conjunturas dramáticas e na prática clínica, os fatores que entram em jogo são muitas vezes difíceis de avaliar. Para estabelecer se uma intervenção médica clinicamente apropriada seja de facto proporcionada não é suficiente aplicar de maneira mecânica uma regra geral. É necessário um discernimento atento, que considere o objeto moral, as circunstâncias e as intenções dos sujeitos envolvidos. A dimensão pessoal e relacional da vida – e do próprio morrer, que contudo é sempre um momento extremo do viver – deve encontrar, no cuidado e no acompanhamento do doente, um espaço adequado à dignidade do ser humano.

Neste percurso o paciente desempenha o papel principal. Afirma-o claramente o *Catecismo da Igreja Católica*: «As decisões devem ser tomadas pelo paciente se para isso tiver competência e capacidade» (*ibid.*). É sobretudo ele a ter o título, obviamente em diálogo com os médicos, para avaliar os tratamentos que lhe são propostos e julgar sobre a sua efetiva proporcionalidade na situação concreta, tornando um dever a sua renúncia no caso em que esta proporcionalidade fosse reconhecida ausente. É uma avaliação não fácil na atividade médica hodierna, em

que a relação terapêutica se torna cada vez mais fragmentada e o acto médico deve assumir múltiplas mediações, exigidas pelo contexto tecnológico e organizativo.

Além disso, deve ser salientado o facto de que estes processos de avaliação são submetidos ao condicionamento da crescente desigualdade de oportunidades, favorecida pela ação combinada da força técnico-científica e dos interesses económicos. Tratamentos progressivamente mais sofisticados e custosos são acessíveis a grupos cada vez mais restritos e privilegiados de pessoas e de populações, suscitando perguntas sérias sobre a sustentabilidade dos serviços de saúde. Uma tendência por assim dizer sistémica ao incremento da desigualdade terapêutica. Ela é bem visível a nível global, sobretudo comparando os diversos continentes. Mas está presente também no seio dos países mais ricos, onde o acesso aos cuidados corre o risco de depender mais da disponibilidade económica das pessoas do que das efetivas exigências de tratamento.

Na complexidade determinada pela incidência destes diversos fatores sobre a prática clínica, mas inclusive sobre a cultura da medicina em geral, é necessário portanto evidenciar absolutamente o mandamento supremo da *proximidade responsável*, como se lê claramente na página evangélica do Samaritano (cf. *Lc* 10, 25-37). Poderíamos dizer que o imperativo categórico consiste em nunca abandonar o doente. A angústia da condição que nos leva à proximidade do limite humano supremo, e as escolhas difíceis que é necessário assumir, expõem-nos à tentação de nos subtraírmos à relação. Mas este é o lugar onde nos são pedidos amor e proximidade, mais do que qualquer outra coisa, reconhecendo o limite que todos temos em comum e tornando-nos solidários, precisamente nisto. Cada um dá amor do modo que lhe for próprio: como pai ou mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, médico ou enfermeiro. Mas que o dê! É sabemos que nem sempre podemos garantir a cura da doença, devemos e podemos sempre cuidar

da pessoa viva: sem abreviar nós mesmos a sua vida, mas também sem nos obstinarmos inutilmente contra a sua morte. A medicina paliativa move-se nesta linha. Ela tem uma grande importância também no plano cultural, comprometendo-se a combater tudo o que torna o ato de morrer mais angustiante e sofrido, ou seja, a dor e a solidão.

No seio das sociedades democráticas, temas delicados como estes devem ser tratados com pacatez: de maneira séria e reflexiva, e bem dispostos a encontrar soluções – inclusive normativas – partilhadas o mais possível. Com efeito, por um lado, é necessário ter em conta a diversidade das visões do mundo, das convicções éticas e das pertenças religiosas, num clima de escuta recíproca e acolhimento. Por outro, o Estado não pode renunciar a tutelar todos os sujeitos envolvidos, defendendo a igualdade fundamental devido à qual cada um é reconhecido pelo Direito como ser humano que vive juntamente com os outros na sociedade. Uma atenção especial deve ser prestada aos mais débeis, que não conseguem fazer valer sozinhos os próprios interesses. Se este núcleo de valores essenciais para a convivência vier a faltar, perde-se também a possibilidade de se entender sobre aquele reconhecimento do outro que é pressuposto de qualquer diálogo e da própria vida associada. Também a legislação no âmbito médico e sanitário exige esta ampla visão e um olhar abrangente sobre o que mais promove o bem comum nas situações concretas.

Com a esperança de que estas reflexões possam servir-vos de ajuda, faço votos de coração que o vosso encontro se realize num clima sereno e construtivo; que possais identificar os caminhos mais adequados para enfrentar estas delicadas questões, em vista do bem de todos os que encontrais e com os quais colaborais na vossa exigente profissão.

O Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos proteja.

Vaticano, 7 de novembro de 2017

FRANCISCO

Garantir o direito à saúde

Apelo do cardeal secretário de Estado

«As desigualdades globais em matéria de saúde representam uma situação deplorável»: foi a denúncia angustiada do cardeal Pietro Parolin, o qual frisou que com muita frequência em várias partes do mundo é «negado o direito fundamental a aceder a uma adequada assistência médica». Direito que, ao contrário, «deve ser garantido a todos, prescindindo da situação económica, social ou legal». Com o seu pronunciamento o secretário de Estado abriu oficialmente no Vaticano, a 16 de novembro, a conferência internacional organizada pelo Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, com a colaboração do Comité internacional das instituições médicas católicas (Ciisac), sobre o tema «Enfrentar as desigualdades globais em matéria de saúde». Até 18 de novembro, na sala nova do Sínodo, reuniram-se responsáveis de hospitais católicos dos cinco continentes, delegados de organismos de caridade e organizações humanitárias engajadas na assistência médica, além de representantes do setor privado.

No seu pronunciamento o purpurado recordou antes de tudo que hoje, «através de numerosas instituições médicas em todo o mundo», a Igreja contribui «para o melhoramento do acesso universal à saúde, especialmente nas comunidades pobres de numerosos países e situadas em regiões difíceis de alcançar». Por isso convidou os congressistas a

apresentarem «soluções que promovam a assistência médica para todos, num espírito de justiça e solidariedade».

Depois, o secretário de Estado anunciou a agenda dos trabalhos, desejando «que as conclusões pos-

sam ajudar a levar assistência» a quantos «hoje pedem auxílio na sua doença e enfermidade, especialmente os mais vulneráveis». E a propósito elogiou a obra das instituições médicas católicas «que foram e continuam a ser um instrumento válido

da Igreja para oferecer assistência integral a cada pessoa e a todas as pessoas, exprimindo uma atenção particular pelos marginalizados». Elas «constituem uma modalidade específica» com a qual a comunidade cristã «põe em prática o mandato de “cuidar dos doentes”». Portanto «a atividade destas instituições é de grande interesse para a Igreja, que as considera fundamentais e preciosas para a sua missão no setor dos cuidados médicos»; aliás, «devem ser consideradas não só úteis mas necessárias para a missão da Igreja, porque dão consistência e continuidade à ação caritativa e de promoção humana da comunidade cristã».

Por fim, o purpurado recordou a criação por parte do Papa Francisco, em dezembro de 2015, da Pontifícia comissão para as atividades no campo da saúde das pessoas jurídicas públicas da Igreja, com a finalidade de estudar a sustentabilidade dos sistemas e das instituições médicas católicas, de propor soluções às situações de crise e de pensar novos modelos «em sintonia com o seu carisma original».

Eis por que, concluiu, «uniões de instituições como as Catholic Health-Care Associations (Cha) a nível nacional e o Ciisac podem trabalhar de maneira construtiva com o dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral e a Pontifícia comissão para promover uma duradoura e eficaz ação da Igreja neste âmbito».

Congresso no Vaticano

O pronunciamento do secretário de Estado foi introduzido pelo cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson, prefeito do Dicastério organizador, que depois de ter celebrado a missa para os congressistas na basílica de São Pedro, deu-lhes as boas-vindas na Sala nova do Sínodo, frisando que a exasperação das desigualdades gera «áreas crescentes de discriminação e de exclusão». E «num mundo desigual – advertiu – tudo se torna perigoso». Infelizmente – constatou – «existe uma enorme rutura que divide o mundo de hoje, a que separa o atual um por cento de ricos do restante 99 por cento». De resto, «no mundo uma pessoa em cada três não tem acesso aos remédios essenciais, metade das populações de África e Ásia. Mais de 100 milhões de pessoas por ano tornam-se pobres porque têm que enfrentar os tratamentos médicos. A cura seria disponível mas muitos não a podem pagar» denunciou, recordando que em 2007 nos Estados Unidos as dívidas com as despesas médicas incidiram em 62 por cento das falências. «Todos os anos – prosseguiu – 100 milhões de pessoas tornam-se pobres porque são obrigadas a pagar tratamentos médicos essenciais. Um terço da população mundial nem sequer tem acesso a eles» e «morre ainda por causa de doenças comuns porque muitas camadas da população mundial estão excluídas do acesso às vacinas». A ponto que «dois milhões de pessoas todos os anos morrem por causa de doenças que poderiam ser evitadas com as vacinações». Por fim «dos 35,7 milhões de pessoas acometidas pelo VIH, mais de 25 milhões residem na África e os medicamentos indispensáveis para a sobrevivência custam 18 vezes mais» por causa do monopólio «das indústrias farmacêuticas que os patentearam».

Declaração final do colóquio budista-cristão

Um decálogo para a não-violência

Um decálogo, para permitir que os seguidores de Buda e de Jesus Cristo percorram juntos a via da não-violência, foi assinado na conclusão do sexto colóquio budista-cristão, organizado em Taiwan pelo Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso. O dicastério vaticano foi representado pelo cardeal presidente Jean-Louis Tauran, pelo bispo secretário Miguel Ángel Ayuso Guixot e pelo subsecretário monsenhor Indunil Kodithuwakku.

Mais de oitenta entre homens e mulheres de ambas as religiões, em representação de dezoito países, participaram nos três dias de trabalhos – de 13 a 15 de novembro no mosteiro budista de Ling Jiou – e na cerimónia de encerramento no Museu das religiões do mundo em Taipei, tornando pública uma declaração final. O documento frisou o precioso contributo oferecido para o melhoramento da compreensão e do conhecimento recíproco, e para o fortalecimento das relações e da cooperação orientadas a promover uma cultura da paz e da não-violência com base em valores partilhados. Depois de terem reconhecido que o século XXI se caracteriza por conflitos fundados inclusive em identidades étnicas, culturais e religiosas, e que em muitas regiões do mundo a diversidade cultural se tornou questão social e

política, os signatários denunciaram que muitas pessoas são discriminadas, e por vezes até privadas de proteção e de direitos, sendo tratadas como cidadãos de segunda classe dentro dos próprios países.

Embora apreciando as várias iniciativas a nível local, regional, nacional e internacional para promover uma cultura do encontro e do respeito, os participantes recordaram que ainda falta muito a fazer para garantir justiça a todos os seres humanos e para preservar o meio ambiente.

Reunidos num momento crítico, no qual a violência já transtornou muitos países, deixando às pessoas uma desesperada necessidade de cura, justiça, perdão e reconciliação, os participantes no colóquio de Taiwan frsaram que hoje os conflitos atravessam os confins e portanto os problemas locais tornam-se regionais, nacionais e às vezes globais.

Consequentemente, com base nas respetivas convicções religiosas, expressaram a necessidade de levar nova esperança ao mundo destruído, falando do amor de Jesus e da compaixão de Buda. Isto é, falar em defesa dos impotentes e sem voz, reparar corações despedaçados e sociedades polarizadas, afastar-se do sectarismo e evitar a construção de muros que separam.



O mosteiro budista de Ling Jiou

Por conseguinte, neste momento crucial, encorajados pelo êxito positivo do colóquio, elaboraram uma espécie de plano de ação em dez pontos: promover uma cultura da paz e da não violência contra a cultura dominante da indiferença; frisar a importância de ouvir o grito das vítimas da violência nas suas múltiplas formas, até condenando as ameaças do nacionalismo desenfreado, do sexismo, do racismo e do fundamentalismo étnico, religioso e de casta; eliminar a pobreza, a injustiça, a desigualdade, a exploração e a discriminação; reconhecer o papel positivo dos meios de comunicação e combater o impacto negativo das notícias falsas (fake news); estimular ações concretas orientadas a recuperar as sociedades polarizadas, através da reconciliação e do perdão, e promover a igualdade e a dignidade das mulheres a fim de prevenir a violência e a discriminação em relação a

elas, em particular o flagelo da violência doméstica; desenvolver relações seguras, estáveis e afetuosas a nível familiar e reafirmar a importância da educação; promover a hospitalidade reconhecendo que «nós e os outros partilhamos» uma humanidade comum apesar das diferenças; salvaguardar o meio ambiente evidenciando a interconexão e a interdependência de todas as formas de vida; promover a oração, o silêncio e a meditação para cultivar a liberdade interior, a pureza do coração, a compaixão, a cura e o dom de si como condições essenciais para a paz interior do indivíduo e a social; reconhecer o importante papel que organizações religiosas, pessoas de boa vontade, sociedade civil, organizações governamentais e centros de educação podem desempenhar ao favorecer o diálogo interconfessional e intercultural.

Na vigília do dia mundial dos pobres

Tratamentos e remédios acessíveis a todos

Um renovado apelo a fim de que cuidados e medicamentos sejam acessíveis a todos foi lançado pelo Papa na vigília do dia mundial dos pobres. Com efeito, no sábado, 18 de novembro, Francisco enviou uma carta aos participantes na conferência internacional sobre o tema «Enfrentar as desigualdades globais no respeitante à saúde», realizada no Vaticano por iniciativa do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral.

Ao Venerado Irmão Cardeal Peter Kudwo Appiah Turkson
Prefeito do Dicastério
para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Desejo transmitir a minha cordial saudação aos participantes na XXXII Conferência internacional sobre o tema *Enfrentar as desigualdades globais no respeitante à saúde*. Agradeço de coração a quantos colaboraram para o evento, em particular ao Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e à Confederação Internacional das Instituições Católicas de Saúde.

Na Conferência do ano passado, face a alguns dados positivos relativos à expectativa de vida média e à luta contra as doenças a nível global, tornou-se evidente a grande desigualdade entre países ricos e pobres no acesso aos cuidados e aos tratamentos médicos. Decidiu-se portanto enfrentar concretamente o tema das desigualdades e dos fatores sociais, económicos, ambientais e culturais que as alimentam. A Igreja não pode deixar de se interessar por elas, ciente de que a sua missão, orientada para o serviço do ser humano criado à imagem de Deus, tem a obrigação de se ocupar do cuidado da sua dignidade e dos seus direitos inalienáveis.

Na Nova Carta dos Agentes no campo da Saúde está escrito, a este propósito, que «o direito fundamental à tutela da saúde relaciona-se com o valor da justiça, segundo o qual não existem distinções de povos nem de nações, considerando as situações objetivas de vida e de desenvolvimento dos mesmos, na busca do bem comum, que é contemporaneamente bem de todos e de cada um» (n. 141). A Igreja sugere que a harmonização do direito à tutela da saúde e do direito à justiça seja garantida por uma distribuição equitativa de estruturas de saúde e de recursos financeiros, segundo os princípios de solidariedade e subsidiariedade. Como recorda a Carta, «também os responsáveis pelas atividades da saúde se devem deixar provocar de maneira forte e singular, cientes de que “enquanto os pobres do mundo batem às portas da opulência, o mundo rico corre o risco de deixar de ouvir tais apelos à sua porta por causa de uma consciência já incapaz de reconhecer o humano”» (n. 91; Bento XVI, Carta, enc. *Caritas in veritate*, 75).

Tomo conhecimento com satisfação de que a Conferência elaborou um projeto a fim de contribuir para enfrentar concretamente estes desa-



Paulus Offman, «O bom samaritano»

fos: a instituição de uma *plataforma ativa de partilha e colaboração entre as instituições católicas de saúde* presentes nos diversos contextos geográficos e sociais. Encorajo de bom grado os promotores desse projeto a perseverar no engajamento, com a ajuda de Deus. A isto estão chamados antes de tudo os agentes da saúde e as suas associações profissionais, que se devem fazer promotores de uma sensibilização cada vez maior junto das instituições, das en-

uma mazela que a torna frágil e indigna e que só poderá levá-la a novas crises. Os planos de assistência, que ocorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias. Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 202).

Gostaria de analisar também uma questão imprescindível, sobretudo para quem serve o Senhor dedicando-se à saúde dos irmãos. Se o aspeto organizativo é fundamental para prestar os cuidados devidos e oferecer a melhor atenção ao ser humano, é também necessário que nunca venham a faltar, nos agentes no campo da saúde, as dimensões da escuta, do acompanhamento e do apoio à pessoa. Jesus, na parábola do Bom Samaritano, oferece-nos as atitudes através das quais concretizar os cuidados em relação ao nosso próximo marcado pelo sofrimento. Antes de tudo, o Samaritano “vê”, apercebe-se e “sente *compaixão*” pelo

homem despojado e ferido. Não é só uma *compaixão* sinónimo de pena ou consternação, é algo mais: indica a predisposição para entrar no problema, na situação do outro. Mesmo se o homem não pode igualar a *compaixão* de Deus, que entra no coração do homem e habitando-o o regenera, pode contudo imitá-la “fazendo-se próximo”, “cuidando dele” (cf. *Lc* 10, 33-34). Uma organização de saúde eficiente e capaz de enfrentar as desigualdades não se pode esquecer da sua nascente primária: a *compaixão*, do médico, do enfermeiro, do agente, do voluntário, de todos os que por este caminho podem aliviar a dor da solidão e da angústia.

A *compaixão* é um caminho privilegiado também para edificar a justiça, porque, colocarmo-nos na situação do outro, não somente nos permite encontrar as suas fadigas, dificuldades e receios, mas também descobrir, no âmbito da fragilidade que conota cada ser humano, a sua preciosidade e valor único, numa palavra: a sua dignidade. Porque a dignidade humana é o fundamento da justiça, enquanto a descoberta do valor inestimável de cada homem é a força que nos estimula a superar as desigualdades com entusiasmo e abnegação.

Por fim, desejo dirigir-me aos representantes de algumas indústrias farmacêuticas que foram convocados aqui em Roma para falar acerca do problema do acesso às terapias antirretrovirais em idade pediátrica. Há um excerto da Nova Carta para os Agentes no campo da Saúde que gostaria de vos confiar: «Se é inegável que o conhecimento científico e a pesquisa das empresas dos remédios têm leis próprias às quais se ater, como, por exemplo, a tutela da propriedade intelectual e um lucro equitativo como apoio à inovação, elas devem encontrar uma adequada composição com o direito ao acesso às terapias essenciais e/ou necessárias principalmente nos países menos desenvolvidos, ou seja, sobretudo no caso das chamadas “doenças raras” e “negligenciadas”, as quais são acompanhadas do conceito de “medicamentos órfãos”. As estratégias da saúde, destinadas à consecução da justiça e do bem comum, devem ser económica e eticamente sustentáveis. Com efeito, enquanto devem salvaguardar a sustentabilidade tanto da pesquisa como dos sistemas de saúde, deveriam ao mesmo tempo tornar disponíveis fármacos essenciais em quantidades adequadas, de formas farmacêuticas benéficas e de qualidade garantida, acompanhados por uma informação correta e a custos acessíveis aos indivíduos e às comunidades» (n. 92).

Agradeço-vos o generoso compromisso com o qual exercéis a vossa preciosa missão. Concedo-vos a bênção apostólica e peço-vos que vos recordeis de mim na oração.

Vaticano, 18 de novembro de 2017

FRANCISCO



Recordemos na oração todos aqueles que cuidam das pessoas doentes com dedicação e espírito de sacrifício

(@Pontifex_pt)

tidades assistenciais e da indústria da saúde, a fim de que todos possam beneficiar do direito à tutela da saúde. Certamente ele não depende somente da assistência médica, mas também de complexos fatores económicos, sociais, culturais e decisórios. Por isso, «a necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar; e não apenas por uma exigência pragmática de obter resultados e ordenar a sociedade, mas também para a curar de

Celebrado o primeiro dia mundial dos pobres

O grande pecado da indiferença

«Mesmo se «aos olhos do mundo têm pouco valor», os pobres «abrem-nos o caminho para o céu», são o nosso «passaporte para a eternidade», afirmou o Sumo Pontífice na homília da missa celebrada no domingo, 19 de novembro na basílica de São Pedro, por ocasião do primeiro dia mundial dos pobres.

Temos a alegria de repartir o pão da Palavra e, em breve, de repartir e receber o Pão eucarístico, alimentos para o caminho da vida. Deles precisamos todos nós, ninguém excluído, porque todos somos mendigos do essencial, do amor de Deus, que nos dá o sentido da vida e uma vida sem fim. Por isso, também hoje, estendemos a mão para Ele a fim de receber os seus dons.

E, precisamente de dons, nos fala a parábola do Evangelho. Diz-nos que somos destinatários dos talentos de Deus, «cada qual conforme a sua capacidade» (Mt 25, 15). Antes de mais nada, reconhecemos isto: temos talentos, somos «talentosos» aos olhos de Deus. Por isso ninguém pode considerá-se inútil, ninguém pode dizer-se tão pobre que não possua algo para dar aos outros. Somos eleitos e abençoado por Deus, que deseja cumular-nos dos seus dons, mais do que um pai e uma mãe o desejam dar aos seus filhos. E Deus, aos olhos de Quem nenhum filho pode ser descartado, confia uma missão a cada um.

De facto, como Pai amoroso e exigente que é, responsabiliza-nos. Vemos, na parábola, que a cada servo são dados talentos para os multiplicar. Mas enquanto os dois primeiros realizam a missão, o terceiro servo não faz render os talentos; restitui apenas o que recebera: «Com medo — diz ele — fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence» (25, 25). Como resposta, este servo recebe palavras duras: «mau e preguiçoso» (25, 26). Nele, que desagradou ao Senhor? Diria, numa palavra (talvez caída um pouco em desuso mas muito atual), a *inútilidade*. O seu mal foi o de não fazer o bem. Muitas vezes também nos parece não ter feito nada de mal e com isso nos contenta-

mos, presumindo que somos bons e justos. Assim, porém, corremos o risco de nos comportar como o servo mau: também ele não fez nada de mal, não estragou o talento, antes guardou-o bem na terra. Mas, não fazer nada de mal, não basta. Porque Deus não é um controlador à procura de bilhetes não timbrados; é um Pai à procura de filhos, a quem confiar os seus bens e os



Neste dia, convido toda a Igreja a manter o olhar fixo sobre aqueles que estendem suas mãos pedindo a nossa solidariedade

(@Pontifex_pt)

seus projetos (cf. 25, 14). E é triste, quando o Pai do amor não recebe uma generosa resposta de amor dos filhos, que se limitam a respeitar as regras, a cumprir os mandamentos, como jornaleros na casa do Pai (cf. Lc 15, 17).

O servo mau, uma vez recebido o talento do Senhor que gosta de partilhar e multiplicar os dons, guardou-o zelosamente, contentou-se com salvaguar-

dá-lo; ora não é fiel a Deus quem se preocupa apenas de conservar, de manter os tesouros do passado, mas, como diz a parábola, aquele que junta novos talentos é que é verdadeiramente «fiel» (25, 21.23), porque tem a mesma mentalidade de Deus e não fica imóvel: arrisca por amor, joga a vida pelos outros, não aceita deixar tudo como está. Descuidado só de uma coisa: o próprio interesse.

Esta é a única omissão justa.

E a omissão é também o grande pecado contra os pobres. Aqui assume um nome preciso: *indiferença*. Esta é dizer «Não me diz respeito, não é problema meu, é culpa da sociedade». E passar ao largo quando o irmão está em necessidade, é mudar de canal, logo que um problema sério nos indis põe, é também indignar-se com o mal mas sem fazer nada. Deus, porém, não nos perguntará se sentimos justa indignação, mas se fizemos o bem.

Como podemos então, concretamente, agradar a Deus? Quando se quer agradar a uma pessoa querida, por exemplo dando-lhe uma prenda, é preciso primeiro conhecer os seus gostos, para evitar que a prenda seja mais do



agrado de quem a dá do que da pessoa que a recebe. Quando queremos oferecer algo ao Senhor, os seus gostos encontram-nos no Evangelho. Logo a seguir ao texto que ouvimos hoje, Ele diz: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Estes irmãos mais pequeninos, seus predileitos, são o faminto e o doente, o forasteiro e o recluso, o pobre e o abandonado, o doente sem ajuda e o necessitado descartado. Nos seus ros-

tos, podemos imaginar impresso o rosto de Ele; nos seus lábios, mesmo se fechados pela dor, as palavras d'Ele: «isto é o meu corpo» (Mt 26, 26). No pobre, Jesus bate à porta do nosso coração e, sedento, pede-nos amor. Quando vencemos a indiferença e, em nome de Jesus, nos gastamos pelos seus irmãos mais pequeninos, somos seus amigos bons e fiéis, com quem Ele gosta de Se demorar. Deus tem em grande apreço,

CONTINUA NA PÁGINA 10

Derrotar a cultura do desperdício

luntários não só de Roma e do Lácio, mas de várias dioceses do mundo — reuniu-se na basílica de São Pedro na manhã de 19 de novembro, para a missa presidida pelo Papa. Foi a solene celebração do primeiro dia mundial dedicado aos pobres, instituído pelo Pontífice em 2016 com a carta apostólica *Miserisonia et misericordia*, na conclusão do jubileu da misericórdia.

Um dia vivido sob o signo da soli-

dariedade e da comunhão, que uniu pessoas distantes entre si por etnia, classe social e cultura. Muitos vieram da Itália, mas havia também uma presença notável de fiéis da França, Polónia, Bélgica, Luxemburgo e Espanha. Uns ao lado dos outros, todos estavam ao redor da mesa eucarística para celebrar este dia que, segundo as intenções de Francisco, solicita os crentes a reagir «à cultura do descarte e

do desperdício, fazendo própria a cultura do encontro», e a abrir-se «à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade», como sinal concreto de fraternidade».

Irandade expressa durante a liturgia, quando se rezou em polaco pela Igreja, em espanhol pelo Papa, os bispos e os sacerdotes, em croata pelos indígenas, em português pelos governantes e em chinês pela conversão dos pecadores. Prestaram serviço litúrgico como ministrantes alguns colaboradores do Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização, e os cantos foram executados pela Capela Sistina.

Concelebraram com o Papa 32 cardeais, entre os quais o decano Sodano; 39 prelados, entre os quais os arcebispos Gallagher, secretário para as relações com os Estados, e Fischella, presidente do Dicasterio para a nova evangelização, com D. Tebartz-Van Elst, delegado para a catequese; mais de 200 sacerdotes, entre os quais mon. Camilleri, secretário para as relações com os Estados.

«Deus ama os pobres e, por conseguinte, ama quantos amam os pobres», escrevia São Vicente de Paulo aos seus colaboradores. Para que a caridade não

CONTINUA NA PÁGINA 10

Almoço amistoso

No início do almoço com os pobres, que teve lugar na sala Paulo VI, o Pontífice pronunciou as seguintes palavras de saudação.

Boas-vindas a todos!

Preparemo-nos para este momento juntos. Cada um de nós, com o coração cheio de boa vontade e de amizade pelo próximo, para compartilhar o almoço, formulando os melhores votos uns aos outros.

E agora oremos ao Senhor para que abençoe esta refeição, abençoe aqueles que a prepararam, abençoe todos nós, abençoe os nossos corações, as nossas famílias, os nossos desejos e a nossa vida; e nos conceda saúde e força. Amém!

Uma bênção inclusiva a todos aqueles que se encontram nos demais refectórios espalhados por Roma, porque hoje Roma está repleta disto [deste evento]. Daqui, dirigiamos-lhes uma saudação e um aplauso!



Paz no Médio Oriente

Novo apelo do Pontífice

Um novo «urgente apelo a enviar todos os esforços possíveis para favorecer a paz, em particular no Médio Oriente» foi dirigido pelo Pontífice à comunidade internacional no final do Angelus recitado na praça de São Pedro depois da missa de domingo 19 de novembro.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Neste penúltimo domingo do ano litúrgico, o Evangelho apresenta-nos a parábola dos talentos (cf. Mt 25, 14-30). Um homem, tendo que viajar, antes de partir confia aos seus servos alguns bens, que naquele tempo eram moedas de grande valor: a um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, segundo as suas capacidades. O servo que recebeu cinco talentos era empreendedor e fez-lhos frutificar, ganhando outros cinco. Do mesmo modo se comporta o servo que recebeu dois, obtendo outros dois. Ao contrário, o servo que recebeu um, escava um buraco na terra e esconde a moeda do seu senhor.

É precisamente este servo que, quando o dono regressa, lhe explica o motivo do seu gesto, dizendo: «Senhor, sei que és um homem duro, que colhes onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste». Por isso, tive medo e fui esconder o teu talento na terra» (vv. 24-25).

Este servo não tem uma relação de confiança com o seu patrão, mas medo, e isso paralisava-o. O temor imobiliza sempre e, muitas vezes, leva a tomar decisões erradas. O medo dissuade de tomar iniciativa, induz a refugiarmo-nos em soluções seguras e garantidas, e assim se acaba por não realizar nada de bom. Para ir em frente e crescer no caminho da vida, não se deve ter medo, é necessário ter confiança.

Esta parábola faz-nos compreender quanto é importante ter uma ideia verdadeira de Deus. Não devemos pensar que Ele é um senhor inelencante, duro e severo que quer castigar-nos. Se dentro de nós houver esta imagem errada de Deus, então a nossa vida não poderá ser fecunda, porque viveremos com o medo e isso não nos levará a nada construtivo, aliás, o medo paralisava-nos, autodestrói-nos. Somos chamados a refletir para descobrir qual é realmente a nossa ideia de Deus. Já no Antigo Testamento Ele se revelou como «Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade» (Êx 34, 6). E Jesus sempre nos mostrou que Deus não é um patrão severo e intolerante, mas um pai cheio de amor, de ternura, um pai repleto de bondade. Portanto, po-

demos e devemos ter uma confiança imensa n'Ele.

Jesus mostra-nos a generosidade e a solicitude do Pai de várias formas: com a sua palavra, com os seus gestos, com o seu acolhimento de todos, especialmente dos pecadores, dos pequeninos e dos pobres — como nos recorda hoje o primeiro Dia Mundial dos Pobres —, mas inclusive com as suas admoestações, que revelam o seu interesse a fim de que não desperdicemos inutilmente a nossa vida. Com efeito, é sinal que Deus tem grande estima por nós: esta consciência ajuda-nos a ser pessoas responsáveis em cada nossa ação. Por conseguinte, a parábola dos talentos convida-nos a uma responsabilidade pessoal e a uma fidelidade que se torna inclusive capacidade de se pôr constantemente a caminho percorrendo estradas novas, sem «temer os talentos», ou seja, os dons que Deus nos confiou, e dos quais nos pedirá contas.

A Virgem Santa interceda por nós, a fim de que permaneçamos fiéis à vontade de Deus fazendo frutificar os ta-

Francisco Solano, sacerdote dos Frades Menores Capuchinhos. Discípulo humilde e fiel de Cristo, distinguiu-se por um serviço incansável aos pobres. Possa o seu testemunho ajudar sacerdotes, religiosos e leigos a viver com alegria o vínculo entre anúncio do Evangelho e amor pelos pobres.

Foi o que quisemos evocar com o hodierno Dia Mundial dos Pobres, que em Roma e nas dioceses do mundo se exprime em numerosas iniciativas de oração e de partilha. Faço votos a fim de que os pobres estejam no centro das nossas comunidades não só em momentos como este, mas sempre; porque eles estão no coração do Evangelho, neles encontramos Jesus que nos fala e nos interpela através dos seus sofrimentos e das suas necessidades.

Gostaria de recordar hoje de maneira especial as populações que vivem uma dolorosa pobreza por causa da guerra e dos conflitos. Portanto, renovo a comunidade internacional um urgente apelo a enviar todos os esforços possíveis a fim de favorecer a paz, em particular no Médio Oriente. Dirijo um pensamento especial ao querido povo libanês e rezo pela estabilidade do país, a fim de que possa continuar a ser uma «mensagem» de respeito e convivência para toda a Região e para o mundo inteiro.

Rezo também pelos tripulantes do submarino militar argentino do qual se perdeu o rasto.

Hoje comemora-se também o Dia em memória das vítimas da estrada, instituído pela Onu. Encorajo as instituições públicas a comprometer-se no âmbito da prevenção e exorto os condutores à prudência e ao respeito das normas, como primeira forma de tutela de si mesmos e dos outros.

E saúde todos vós, famílias, paróquias, associações e cada fiel, que viestes da Itália e de muitas partes do mundo. Em particular, saúdo os peregrinos da República Dominicana; os participantes na corrida de solidariedade de Kosice (Eslováquia) em Roma; e a comunidade equatoriana residente em Roma, que festeja à Virgem del Quinche. Saúdo a fraternidade da Ordem secular Trinitária Italiana, os fiéis de Civitanova Marche, Sanzovo, Termoli, Capua e Nola, e os jovens crismandos de Mestrino (Pádua).

A todos vós desejo um bom domingo. E por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



«A parábola dos talentos» (igreja de Santo Eduardo mártir, Cogef Castle, Inglaterra)

lentos que nos doou. Assim seremos úteis aos outros e, no último dia, seremos acolhidos pelo Senhor, que nos convidará a participar na sua alegria.

No final da prece mariana, O Papa dirigiu aos fiéis presentes as seguintes palavras.

Caros irmãos e irmãs!

Ontem, em Detroit, nos Estados Unidos de América, foi proclamado Beato

Visita do Pontífice ao posto de saúde para os pobres

Não amar só com palavras

Depararam-se cara a cara com o Papa Francisco enquanto prestavam assistência a quatro desabrigados e dois migrantes. Para os vinte e um voluntários das Misericórdias – que desde o dia 13 de novembro estão a trabalhar no centro de saúde solidário na praça Pio XII – a visita surpresa do Pontífice, no início da tarde de quinta-feira 16, «serviu de encorajamento para não amar só com palavras, mas sobretudo com factos,

como nos recorda o slogan do primeiro dia mundial dos pobres».

Francisco, ao chegar da casa Santa Marta, não deixou de agradecer aos voluntários pelo serviço prestado. Em seguida, saudou pessoalmente os seis pobres que estavam a receber assistência médica gratuita e, precisamente a fim de falar face a face com eles entrou, acompanhado pelos voluntários, numa das tendas instaladas que serve como consultório.

Juntamente com o arcebispo Rino Fisichella, presidente do Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização, o Pontífice quis fazer uma visita no âmbito das iniciativas concretas para o dia dos pobres. Em particular, Francisco informou-se sobre o funcionamento do posto médico, falado diretamente com as enfermeiras voluntárias da Cruz vermelha italiana e com os médicos especializados em análises clínicas, car-

diologia, dermatologia, infecciosologia, ginecologia e andrologia, que todos os dias trabalham das 9 às 16. Eles continuarão a estar presentes durante a próxima semana, nos pequenos ambulatórios médicos.

Para os voluntários das Misericórdias uma única preocupação: «emocionados pela alegria da visita inesperada do Papa», confidenciam, «esquecemo-nos de lhe oferecer um café no nosso pequeno serviço de restauração, que está sempre aberto para garantir uma bebida quente aos mais pobres». Mas, acrescentaram animados, «estávamos tão entusiasmados que nos esquecemos disso, contudo Francisco despediu-se com um sorriso: sinal que estava feliz» por este «posto de saúde» a dois passos da praça de São Pedro.



Prémio Ratzinger

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

conferi, para significar que também os Premiados dedicaram a sua vida à altíssima missão de servir a verdade, à diaconia da verdade.

Alegro-me pelo facto de que as ilustres personalidades hoje distinguidas com o Prémio provêm de três confissões cristãs, entre as quais também a luterana, com a qual este ano vivemos momentos particularmente importantes de encontro e de caminho comum. A verdade de Cristo não é para solistas, mas é sinfónica: requer colaboração dócil, partilha harmoniosa. Procurá-la, estudá-la, contemplá-la e traduzi-la em prática juntos, na caridade, atraí-nos com vigor para a plena união entre nós: assim a verdade torna-se uma nascente viva de vínculos de amor cada vez mais estreitos.

Aceitei com alegria a ideia de ampliar o horizonte do Prémio para incluir nele também as artes, além da teologia e das ciências naturalmente com ela relacionadas. É um alargamento que corresponde bem à visão de Bento XVI, que tantas vezes nos falou de maneira comovedora da beleza como via privilegiada para nos abrimos à transcendência e encontrar Deus. Em particular, admirámos a sua sensibilidade musical e a sua prática desta arte como caminho para a serenidade e para a elevação do espírito.

Por conseguinte, congratulo-me com os ilustres Premiados: o Professor Theodor Dieter, o Professor Karl-Heinz Menke e o Mestre Arvo Pärt; e o meu encorajamento à vossa Fundação e a todos os seus amigos, para que se continuem a percorrer caminhos novos e cada vez mais amplos a fim de colaborar na pesquisa, no diálogo e no conhecimento da verdade. Uma verdade que, como o Papa Bento não se cansa de nos recordar, é em Deus, ao mesmo tempo *logos* e *agape*, sabedoria e amor, encarnados na pessoa de Jesus.

Derrotar a cultura do desperdício

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

seja só uma teoria, mas se transforme em gestos concretos, no final do Angelus o Papa almoçou na sala Paulo VI com cerca de 1.500 pobres. O momento convivial foi acompanhado pelas músicas da banda da Gendarmaria vaticana e pelos cantos do coro “Le dolci note”, composto por crianças de 5 a 14 anos. Promoveu a iniciativa, o Dicasterio para a nova evangelização, em colaboração com a Cáritas, a comunidade de Santo Egidio, a Ordem de Malta, a comunidade Novos horizontes, a comunidade João XXIII, a associação Irmão 2016, as obras antonianas de Roma, as associações cristãs de trabalhadores italianos (Acli), os grupos vicentinos de voluntariado e os vários organismos ativos nas paróquias. Os pobres foram servidos por 40 diáconos da diocese de Roma e por cerca de 150 voluntários das paróquias de outras dioceses. O menu, servido pelo restaurante “Al Pioppeto” de Sergio Dussin, foi o seguinte: gnocchetti da Sardenha preparados com molho de tomate, azeitonas e queijo Collina veneta, carne guisada com verduras, polenta e brócolos de Bassano, tiramisù à véneta, água, laranja e café. Outros 2.500 pobres foram recebidos nos refeitórios, seminários e colégios católicos da Urbe.

Entre as iniciativas organizadas em preparação para este dia, há que recordar o posto de saúde solidário, em serviço na praça Pio XII nos dias 13-19 de novembro e visitado pelo Papa na tarde do dia 16. Nesta área

médica foram feitas gratuitamente análises clínicas e consultas médicas especializadas. Além disso, na tarde de 18, na basílica de São Lourenço fora dos Muros, celebrou-se uma vigília de oração pelo mundo do vo-

luntariado. Em preparação para este dia foi realizado um subsídio pastoral intitulado *Não amemos com palavras mas com ações*, traduzido em seis línguas e, na Itália, publicado pelas edições paulinas. (*nicola gori*)

O grande pecado da indiferença

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

Ele aprecia o comportamento que ouvimos na primeira Leitura: o da «mulher forte» que «estende os braços ao infeliz, e abre a mão ao indigente» (*Pv 31, 10.20*). Esta é a verdadeira fortaleza: não punhos cerrados e braços cruzados, mas mãos operosas e estendidas aos pobres, à carne ferida do Senhor.

Lá, nos pobres, manifesta-se a presença de Jesus, que, sendo rico, Se fez pobre (cf. *2 Cor 8, 9*). Por isso neles, na sua fragilidade, há uma «força salvífica». E, se aos olhos do mundo têm pouco valor, são eles que nos abrem o caminho para o Céu, são o nosso «passaporte para o paraíso». Para nós, é um *dever evangélico* cuidar deles, que são a nossa verdadeira riqueza; e fazê-lo não só dando pão, mas também repartindo com eles o pão da Palavra, do qual são os destinatários mais naturais. Amar o pobre significa lutar contra todas as pobreza espirituais e materiais.

E isto far-nos-á bem: abeirar-nos de quem é mais pobre do que nós, tocará a nossa vida. Lembrar-nos-á aquilo que conta verdadeiramente: amar a Deus e ao próximo. Só isto dura para sempre, todo o resto passa; por isso, o que investimos em amor permanece, o resto desaparece. Hoje podemos perguntar-nos: «Para mim, o que conta na vida? Onde invisto?». Na riqueza que passa, da qual o mundo nunca se sacia, ou na riqueza de Deus, que dá a vida eterna? Diante de nós, está esta escolha: viver para ter na terra ou dar para ganhar o Céu. Com efeito, para o Céu, não vale o que se *tem*, mas o que se *dá*, e «quem amontoa para si não é rico em relação a Deus» (cf. *Lc 12, 21*). Então não busquemos o superfluo para nós, mas o bem para os outros, e nada de precioso nos faltará. O Senhor, que tem compaixão das nossas pobreza e nos reveste dos seus talentos, nos conceda a sabedoria de procurar o que conta e a coragem de amar, não com palavras, mas com obras.

Missas matutinas em Santa Marta



Quinta-feira
16 de novembro

O reino escondido

Uma pergunta recorrente nas meditações do Papa, durante as missas celebradas em Santa Marta, é o convite a um exame de consciência: «Como está a minha relação com o Espírito Santo?». Também na homilia de 16 de novembro o Pontífice voltou a propor esta interrogação com uma particular declinação: «Creio deveras que o Espírito faz crescer em mim o reino de Deus?».

Com efeito, o reino de Deus foi o tema da sua reflexão, inspirada no trecho do Evangelho de Lucas (17, 20-25) no qual os doutores da lei perguntam a Jesus: «Tu pregas o reino de Deus, mas quando virá o reino de Deus?». Era uma interrogação, explicou, que derivava também da «curiosidade de muitas pessoas», uma pergunta «simples que brota de um coração bom, um coração de discípulo». Não é por acaso que se trata de uma pergunta recorrente no Evangelho: por exemplo, sugeriu o Papa, naquele momento «tão difícil, obscuro» em que João Batista – que estava na escuridão do cárcere e «não entendia nada, angustiado» – enviou os seus discípulos a interrogar o Senhor: «Diz-me: és tu, ou devemos esperar outro? Chegou o reino de Deus, ou será outro?».

Reaparece com frequência a dúvida sobre «quando», como acontece no «pedido descarado, soberbo e mau» do ladrão: «Se és tu, desce da cruz», que exprime a «curiosidade» acerca de «quando há de vir o reino de Deus». A resposta de Jesus é: «Mas o reino de Deus está no meio de vós». Assim, por exemplo, «o reino de Deus foi anunciado na sinagoga de Nazaré, a boa nova quando Jesus lê o trecho de Isaías e termina, dizendo: “Hoje cumpriu-se esta escritura no meio de vós”. Um anúncio bom e sobretudo «simples». Com efeito, «o reino de Deus cresce às escondidas», e é o próprio Jesus que o explica com a parábola da semente: «ninguém sabe como», mas Deus fá-la crescer. É um reino que «cresce dentro, de modo oculto, ou está escondido como a gema ou o tesouro, mas sempre na humildade».

Aqui o Papa inseriu a passagem-chave da sua meditação: «Quem faz crescer aquela semente, quem a faz germinar? Deus, o Espírito Santo que está em nós». Uma consideração que explica a vinda do reino com o modo de agir do Paráclito, que «é espírito de mansidão, de humildade, de obediência e de simplicidade». E é o Espírito, acrescentou o Papa, «que faz crescer dentro o reino de Deus, não são os planos pastorais, as grandes coisas...».

Trata-se, disse, de uma ação escondida. O Espírito «faz crescer e quando chega o momento aparece o fruto». Uma ação que escapa à plena compreensão: «Quem – interrogou-se o Papa – lançou a semente do reino de Deus no coração do bom ladrão? Talvez a mãe, quando lhe ensinou a rezar... Talvez um rabino, quando lhe explicava a lei...».

Sem dúvida, não obstante na vida ele se tenha esquecido dela, num certo momento aquela semente escondida foi feita crescer. Tudo isto acontece porque «o reino de Deus é sempre uma surpresa que vem» como «dom do Senhor».

No diálogo com os doutores da lei, Jesus medita sobre a característica desta ação silenciosa: «Quando o reino de Deus vem, não chama a atenção e ninguém dirá: “Ei-lo aqui, ei-lo ali”». Com efeito, acrescentou, «o reino de Deus não é um espetáculo» nem «um carnaval». Não se mostra «com a soberba, o orgulho, não gosta de publicidade», mas «é humilde, escondido e assim cresce».

Um exemplo evidente vem de Maria. Quando as pessoas a viam seguir Jesus, mal a reconheciam («Ah, ela é a mãe...»). Ela era «a mulher mais santa», mas dado que vivia «escondida», ninguém entendia «o mistério do reino de Deus, a santidade do reino de Deus». E assim, «quando estava próxima da cruz do filho, as pessoas diziam: “Pobre mulher, com este filho criminoso, pobre mulher...». Ninguém entendia, «ninguém sabia».

A característica do escondimento, explicou o Papa, deriva precisamente



«O reino de Deus é como o fermento»
(vítal da igreja de Nossa Senhora Rainha
dos Apóstolos, Hamtramck, Michigan)

do Espírito Santo que está «dentro de nós»: é ele «quem faz crescer e germinar a semente, até dar fruto». E todos nós somos chamados a percorrer este caminho: «é uma vocação, uma graça, um dom gratuito, não se compra, é uma graça de Deus».

Eis por que razão, concluiu, é bom que «todos nós, batizados», que «estamos dentro o Espírito Santo», nos perguntemos: «Como está a minha relação com o Espírito Santo, que faz crescer em mim o reino de Deus?». Com efeito, é preciso entender: «Creio deveras que o reino de Deus está no meio de nós, escondido, ou gosto mais do espetáculo?». É necessário rezar ao «Espírito que está em nós e pedir a graça «de fazer germinar com força, em nós e na Igreja, a semente do reino de Deus, para que se torne grande, dê refúgio a muita gente e produza frutos de santidade».



Sexta-feira
17 de novembro

Pensamento da morte

«Pensar na nossa morte não é uma fantasia negativa»; aliás, viver bem todos os dias como se fosse «o último», e não como se esta vida fosse «uma normalidade» que nunca acaba, poderá ajudar a encontrar-se de verdade prontos quando o Senhor chamar. Na missa, o Papa convidou a reconhecer serenamente a verdade essencial da nossa existência.

«Nestas duas últimas semanas do ano litúrgico – fez presente – nas leituras, na missa, a Igreja faz-nos refletir acerca do fim». Certamente, por um lado, «o fim do mundo, porque o mundo acabará, será transformado» e haverá «a vinda de Jesus, no final». Mas, por outro, a Igreja fala também do «fim de cada um de nós, porque cada um de nós, morrerá: a Igreja, como mãe, mestra, deseja que cada um de nós pense na própria morte».

«Chama a minha atenção – confidenciou o Pontífice, fazendo referência ao excerto evangélico de Lucas (17, 26-37) – aquilo que Jesus diz neste trecho que lemos». Em particular a sua resposta «quando perguntam como será o fim do mundo». Mas entretanto, relançou o Papa seguindo as palavras do Senhor, «pensemos em como será o meu fim». No Evangelho Jesus usa as expressões «como aconteceu também nos dias de Noé» e «como se verificou ainda nos dias de Ló». Para dizer, explicou, que os homens «comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca». E, ainda, «como aconteceu também nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam, construam».

Mas eis que, continuou Francisco, chega «o dia em que o Senhor faz cair do céu fogo e enxofre». Em suma, «há a normalidade, a vida é normal – observou o Papa – e nós estamos habituados a esta normalidade: levanto-me às seis, às sete, faço isto, este trabalho, amanhã vou visitar alguém, domingo é festa, faço aquilo». E «assim estamos habituados a viver uma normalidade de vida e pensamos que será sempre assim». Mas sê-lo-á «até ao dia em que Noé entrar na arca, até ao dia em que o Senhor fizer cair do céu fogo e enxofre».

Porque certamente «chegarà o dia em que o Senhor dirá a cada um de nós: “vem”», recordou o Pontífice. E «a chamada para alguns será repentina, para outros será depois de uma doença, num desastre: não sabemos». Mas «haverá a chamada e será uma surpresa: não a última surpresa de Deus, depois desta haverá outra – a surpresa da eternidade – mas será a surpresa de Deus para cada um de nós».

A propósito do fim, prosseguiu, «Jesus disse uma frase, lemo-la ontem na missa: assim “como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho

do homem no seu dia”, o dia em que bater à porta da nossa vida».

«Nós estamos habituados a esta normalidade da vida e pensamos que será sempre assim». Mas «o Senhor, e a Igreja, diz-nos nestes dias: reflete um pouco, reflete, nem sempre será assim, um dia não será assim, um dia tu serás tomado e o que está ao teu lado será deixado».

«Senhor, quando chegarà o dia em que serei tomado?»: precisamente «esta é a pergunta que a Igreja convida a fazer-nos hoje dizendo: reflete um pouco acerca da tua morte». Eis o significado da frase citada por Francisco, colocada na entrada por Francisco, colocada na entrada «de um cemitério, no norte da Itália: “Peregrino, tu que passas, pensa dos teus passos, o último passo”». Porque «haverá o último» passo. «Este viver a normalidade da vida como se fosse uma coisa eterna, uma eternidade – explicou o Papa – vê-se também nas vigílias fúnebres, nas cerimónias, nas honorificências fúnebres: muitas vezes as pessoas que estão deveras relacionadas com aquela pessoa morta, pela qual rezamos, são poucas». E assim «uma vigília fúnebre transformou-se com normalidade num facto social: “Onde vais hoje?” – “Hoje tenho que ir fazer isto, isto e isto, depois ao cemitério porque há a cerimónia”». Torna-se assim «um facto a mais e ali encontramos os amigos, falamos: o falecido está ali mas nós falamos: normal». Assim «também aquele momento transcendente, devido ao andamento da vida habitual, torna-se um facto social». E «eu vi isto – confidenciou ainda Francisco – na minha pátria: nalgumas vigílias fúnebres há um serviço de receção, come-se, bebe-se, o morto está ali: mas nós aqui fazemos um pouco, não digo “festa”, mas falamos, mundanamente; é mais uma reunião, para não pensar».

«Hoje – afirmou Francisco – a Igreja, o Senhor, com aquela sua bondade, diz a cada um de nós: reflete, nem todos os dias serão assim; não te habitues como se esta fosse a eternidade; chegarà o dia em que serás tomado, o outro deixado, tu serás tomado». Em síntese, «assim é estar com o Senhor, pensar que a nossa vida terá fim, e isto faz bem porque o podemos pensar no início do trabalho: talvez hoje seja o último dia, não sei, mas farei bem o trabalho». E «farei» bem também «nas relações em casa, com quem me circunda, com a família: comportar-se bem, talvez seja o último dia, não sei». Devemos pensar o mesmo «também quando vamos a uma consulta médica: ela será mais uma ou será o início das últimas visitas?».

«Pensar na morte não é uma má fantasia, é uma realidade», insistiu o Pontífice, explicando: «Se é má ou não depende de mim, como eu penso nela, mas acontecerá e tratar-se-á do encontro com o Senhor: será este o aspeto positivo da morte, o encontro com o Senhor, será ele que vem ao encontro, será ele a dizer “vem, vem, bendito de meu Pai, vem comigo”». De nada serve dizer: «Mas, Senhor, espera que tenho que resolver isto e aquilo». Porque «não se pode resolver nada: naquele dia quem estiver no terraço e tiver dei-

Lutar contra os efeitos da crise ambiental

O Pontífice convidou a fortalecer o consenso alcançado com o Acordo de Paris

Sobre a crise ambiental é preciso evitar atitudes de «negação» ou de «indiferença» mas também de «resignação» ou de «confiança em soluções inadequadas», escreveu o Papa Francisco na mensagem que enviou ao presidente da conferência internacional Cop23 promovida pela Onu, realizada em Bonn.

A Sua Excelência
o Senhor Frank Bainimarama
Primeiro-Ministro das Ilhas Fiji
Presidente da 23ª sessão
da Conferência dos Estados-Parte
na Convenção-Quadro
das Nações Unidas sobre
as Mudanças Climáticas (COP23)
(Bonn, 6-17 de novembro de 2017)

Excelência!

Há pouco menos de dois anos a comunidade internacional reuniu-se no âmbito deste foro da UNFCCC, com grande parte dos seus máximos representantes governamentais, e depois de um longo e complexo debate chegou à adoção do histórico Acordo de Paris. Ele alcançou um consenso sobre a necessidade de iniciar uma estratégia partilhada para contrastar um dos fenómenos mais preocupantes que a nossa humanidade está a viver: a mudança climática.

A vontade de dar continuidade a este consenso foi depois realçada pe-



«Nadi inundada. Ilhas Fiji»

(do concurso fotográfico sobre a mudança climática organizado à margem da Cop23)

la velocidade com a qual o mesmo Acordo de Paris entrou em vigor, depois de menos de um ano da sua adoção.

O Acordo indica um claro percurso de transição rumo a um modelo de desenvolvimento económico com um consumo de carbono baixo ou nulo, encorajando à solidariedade e recorrendo aos vínculos fortes que existem entre a luta contra a mudança climática e a pobreza. Esta transição é depois ulteriormente solicitada

pela urgência climática que requer maior engajamento da parte dos países, alguns dos quais deverão procurar assumir o papel de guia desta transição, preocupando-se com as necessidades das populações mais vulneráveis.

Nestes dias estais reunidos em Bonn, a fim de levar por diante outra fase importante do Acordo de Paris: o processo de definição e construção de linhas-guia, regras e mecanismos institucionais para que

ele seja realmente eficaz e capaz de contribuir para a consecução dos objetivos complexos que se propõe. Num percurso como este, é necessário manter alta a vontade de colaboração.

Nesta perspetiva, desejo reafirmar o meu «convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. [...] Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados [por vários motivos que] vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas» (cf. Enc. *Laudato si'*, 14). Devíamos evitar cair nestas quatro atitudes iníquas, que certamente não ajudam a busca honesta nem o diálogo sincero e produtivo sobre a construção do futuro do nosso planeta: negação, indiferença, resignação e confiança em soluções inadequadas.

Por outro lado, não podemos limitar-nos unicamente à dimensão económica e tecnológica: as soluções técnicas são necessárias mas insufi-

CONTINUA NA PÁGINA 13

Contrastar as mudanças climáticas e a elevação do nível dos mares

Uma estratégia global

«Uma tomada de consciência mundial» e «uma estratégia partilhada» para enfrentar a degradação do meio ambiente: eis quanto invocou o Papa Francisco ao receber em audiência na manhã de 11 de novembro na sala Clementina, os líderes do Pacific Islands Forum. Publicamos o discurso de saudação do Pontífice.

Excelências, Distintas Senhoras Ilustres Senhores e Senhoras!

Estou grato a todos vós, Líderes do Pacific Islands Forum que, mediante a vossa presença, manifestais as diferentes realidades existentes numa Região como a do Oceano Pacífico, tão rica de belezas culturais e naturais.

Infelizmente, essa Região suscita também profundas preocupações em todos nós e, de maneira particular, nas populações ali residentes, bastante vulneráveis a fenómenos ambientais e climáticos extremos, cada vez mais frequentes e intensos. Contudo, penso inclusive nos impactos do grave problema da elevação do nível dos mares, assim como do doloroso e contínuo declínio de que continuam a sofrer os recifes de coral, ecossistema marinho de grande importância. A tal propósito, recordo a alarmante interrogação feita há quase trinta anos pelos Bispos das Filipinas: «Quem transformou o ma-

ravilho mundo marinho em cemitérios subaquáticos, despojados de vida e de cor?».¹ São numerosas as causas que levaram a esta degradação ambiental e, infelizmente, muitas delas devem ser imputadas a um comportamento humano imprevidente, ligado a formas de exploração dos recursos naturais e humanos, cujo impacto chega até ao fundo dos oceanos.²

Além disso, quando falamos de elevação do nível do mar, que «atinge principalmente as populações costeiras mais pobres, que não têm para onde se transferir»,³ pensamos na problemática do aquecimento global, que é amplamente abordado em numerosos fóruns e debates internacionais. Nestes dias está a realizar-se em Bonn a COP-23, a vigésima terceira sessão da Conferência das Partes da Convenção-Quadro da ONU sobre a mudança climática, que este ano terá lugar sob a Presidência de um dos países por vós representados, as Ilhas Fiji. Faço votos a fim de que os trabalhos da COP-23, bem como aqueles que se lhes seguirão, consigam ter sempre presente aquela «Terra sem confins, onde a atmosfera é extremamente fina e fugaz», como a descreveu um dos astronautas atualmente em órbita na Estação Espacial Internacional, com os quais recentemente tive um interessante diálogo.



Um atol das Ilhas Cook

filipinos, e não se pode dizer que a situação dos oceanos e do ecossistema marinho melhorou, face aos numerosos problemas que interpelam, por exemplo, a gestão dos recursos ictícos, as atividades em superfície ou nas profundidades, a situação das comunidades costeiras e das famílias de pescadores, a poluição devido à acumulação de plástico e microplástico. «Que tipo de mundo queremos deixar a quem nos vai suceder, às crianças que hoje crescem? Esta pergunta não diz respeito unicamente ao meio ambiente de maneira isolada [...]. Quando nos interrogamos acerca do mundo que queremos deixar, referimo-nos sobretudo à sua orientação geral, ao seu sentido, aos seus valores».⁵

Estou-vos grato por esta agradável visita; abençoo-vos de coração, tanto a vós como às vossas Nações.

Obrigado!

¹ Cf. CONFERÊNCIA DOS BISPOS CATÓLICOS DAS FILIPINAS, Carta pastoral *What is Happening to our Beautiful Land?*, 29 de janeiro de 1988, cit. in Carta Encíclica *Laudato si'*, 41.

² Cf. Carta Encíclica *Laudato si'*, 41.

³ Cf. *ibid.*, n. 48.

⁴ Cf. *ibid.*, n. 16.

⁵ *Ibid.*, n. 160.

Exortação do Papa aos escolápios

Reconstruir o pacto educativo

O convite a esforçar-se para «reconstruir o pacto educativo» entre escola, família e jovens foi dirigido pelo Papa a um grupo de clérigos regulares pobres da Mãe de Deus das escolas piás (escolápios), recebidos em audiência no final da manhã de 10 de novembro, na Sala Clementina. A seguir, o discurso improvisado pelo Santo Padre.

Bom dia e obrigado, Padre-Geral pelas suas palavras.

Pensáveis que, depois de vos entregar este documento [*Mensagem por ocasião do Ano Jubilar Calasanziano*, 27 de novembro de 2016], eu não teria pronunciado um discurso. Então perguntei ao Padre em que língua poderia falar, se em espanhol ou em italiano, e ele respondeu-me: “Quase todos entendem o espanhol”.

Obrigado por terdes vindo e trazido a família... – as Montales, que ficam atrás do Colégio El Salvador, conheço-as bem – a família. Isto é bom, uma congregação religiosa que tem uma família que a circunda, pessoas que trabalham, leigos, todos... A família é um sinal de fecundidade e de humanidade. Obrigado por terdes vindo.

Três aspetos, três palavras que escrevi na mensagem e agora retomo para as comentar, saudando-vos. *Educar, anunciar e transformar.*

Detenho-me na primeira: *educar*. Educar neste momento é algo muito sério. É um *grande desafio* porque o pacto educativo em geral se rompeu. O pacto educativo – sou muito influenciado pela minha pátria, mas vejo que em todo o lugar acontece mais ou menos o mesmo – o pacto entre escola, família e jovens rompeu-se. Então é preciso reconstruir este pacto educativo, como for possível, mas é fundamental. E educar reconstruindo o pacto educativo, o que envolve necessariamente a família; hoje na educação a família, seja como for, não pode estar ausente. É verdade que há famílias destruídas, mas nos jovens podem-se recompor muitas coisas. Portanto é preciso procurar restabelecer o pacto educativo e contribuir para o reconhecimento dos professores, que dão a vida e em muitos países são os que ganham menos. Há professores que devem fazer turno duplo para poder receber um salário digno. Esses professores quando chegam a casa, como fazem para encontrar tempo para preparar as aulas, pensar... O diálogo entre a família e os docentes, entre a família, a es-

cola e os jovens, este diálogo tripló. E depois, que o jovem seja ativo na educação. Por conseguinte, tudo isto para reconstruir o pacto educativo. E esta é uma missão muito séria que deveis assumir: reconstruí-lo.

Segundo: *uma educação completa*. Sair da herança que nos deixou o Iluminismo, isto é, que educar significa encher a cabeça de conceitos, não é assim? e quanto mais se sabe aqui [indica a cabeça], melhor é a educação. Educar é fazer com que a pessoa amadureça mediante as três linguagens: das ideias, do coração e das mãos. Ou seja, deve existir harmonia entre elas, os nossos estudantes devem sentir o que pensam e fazer o que pensam e sentem. A harmonia da pessoa, educar a pessoa. Penso que se não educarmos deste modo é inútil. Alguns pedagogos exprimem isto noutros termos mas é a mesma coisa: educar nos conteúdos, nos hábitos e nos valores, é o mesmo, é a mesma educação. Acrescentaria – o que é fundamental hoje – que a juventude deve ser educada *em movimento*: hoje a juventude estática não existe e se não a pusermos em movimento nós, outras mil situações o farão, sobretudo os sistemas digitais, nesta “velocidade líquida e gasosa” da nossa civilização – e é o terceiro ponto que gostaria de comentar – que correm o risco de eliminar as raízes dos jovens.

Os jovens hoje crescem *sem raízes*; não têm raízes porque não têm tempo de enraizar; ou melhor têm-nas mas não as fazem próprias porque não têm tempo, não as deixam crescer, não as deixam consolidar, porque vivem continuamente nesta “liquidez” de cultura, não é assim? É preciso reforçar as raízes. Jovens sem raízes é o que vemos agora. Então o que fazemos? Enxertos de raízes. Vejo sempre que é muito importante, e com frequência me vem à mente, e sobretudo de modo inspirado – digo-o com simplicidade – enquanto rezo, a palavra do profeta Joel quando diz: “Os velhos sonharão e os jovens profetizarão”. Hoje os jovens precisam de falar com os idosos, é o único modo que possuem para reencontrar as próprias raízes. Falar com os pais, sim, é fundamental, mas sobretudo hoje é necessário que se encontrem com os idosos, porque os pais já fazem parte desta sociedade líquida; que se encontrem com os idosos! Por favor, procurai promover o diálogo entre avós e netos. Não digais: “Não, mas os jovens...”. Não. Eu tive tantas experiências e



aconselharam-me também outras pessoas: colocai os jovens em movimento. Dizei-lhes: “O que achas? Vamos tocar violão naquela casa de repouso?”. Dizem “sim”, “não”... e depois vão e já não querem ir embora porque os idosos dizem: “Conheces esta canção?”, e começam a contar histórias e os jovens ficam encantados, e os idosos iniciam a despertar e dão-se conta de que ainda podem sonhar. Por favor, confio-vos esta missão: procurai promover – enquanto há tempo, antes que os idosos nos deixem – o diálogo entre os jovens e os anciãos. Procurai as mil maneiras, os mil modos para o fazer... mas sempre em movimento, porque os jovens estáticos não funcionam. Este é outro critério que devemos considerar na educação e em tudo: os jovens estáticos estão nas enciclopédias; na realidade, se quiserdes que os jovens recebam algo vosso, deveis mantê-los em movimento.

Pois bem. Se educarmos deste modo então podemos anunciar e transformar, mas paro no educar, com tudo o que vos disse. Por isso permaneci sentado, porque não li o discurso, queria que fosse mais espontâneo.

Obrigado, e agora convido-vos a rezar uma Ave-Maria à Virgem; e pedir também a proteção de São Faustino. Gostei do modo como lhe pediu o milagre o pai da criança recém-nascida, aquele chileno: “faz alguma coisa, Carequinha!”.

Audiência ao presidente da República da Áustria

Na manhã de quinta-feira, 16 de novembro, o Papa Francisco recebeu em audiência, no Palácio apostólico do Vaticano, o presidente da República da Áustria, Alexander Van der Bellen, o qual sucessivamente se encontrou com o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, acompanhado pelo arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados.



Durante os colóquios cordiais foram evocadas as boas relações e a colaboração frutuosa que intercorrem entre a Santa Sé e a Áustria. Em seguida, abordaram-se as questões de interesse recíproco, como a defesa da dignidade inviolável da pessoa humana, a promoção de uma cultura do encontro e a solicitude pelo cuidado da criação.

Por fim, foi realçado o papel da comunidade internacional na busca de soluções pacíficas para os conflitos em curso em várias regiões do mundo, reafirmando também o compromisso comum por um mundo sem armas nucleares.

Mensagem à Cop23

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

cientes; é essencial e obrigatório ter atentamente em consideração também os aspetos e os impactos éticos e sociais do novo paradigma de desenvolvimento e de progresso a curto, médio e longo prazo.

Nesta perspectiva, torna-se necessário prestar cada vez mais atenção à educação e aos estilos de vida caracterizados por uma ecologia integral, capaz de assumir uma visão de busca honesta e de diálogo aberto no qual se entrelacem as várias dimensões do Acordo de Paris. Ele, é bom recordá-lo, «chama-nos para a grave responsabilidade [...] de agir sem demora, de maneira mais livre possível de pressões políticas e económicas, superando interesses e comportamentos particularistas» (cf. *Mensagem à COP22*). Trata-se, concretamente, de fazer propagar uma “consciência responsável” em relação à nossa casa comum (cf. Enc. *Laudato si'*, 202-231) através da contribuição de todos, na explicita-

ção das diferentes formas de ação e de parceria entre os vários *stakeholders*, algumas das quais não deixam de evidenciar o engenho do ser humano a favor do bem comum.

Ao transmitir a minha saudação a Vossa Excelência, Senhor Presidente, e a todos os participantes nesta Conferência, faço votos de que, com a sua influente guia e a das Ilhas Fiji, os trabalhos destes dias sejam animados pelo mesmo espírito colaborativo e propositivo manifestado durante a COP21. Isto permitirá acelerar a tomada de consciência e consolidar a vontade de adotar decisões realmente eficazes para contrarstar o fenómeno das mudanças climáticas e, contextualmente, combater a pobreza e promover um verdadeiro desenvolvimento humano integral. Neste compromisso vos ampare a sábia providência do Altíssimo.

Vaticano, 7 de novembro de 2017

FRANCISCO

As exéquias do cardeal Andrea Cordero Lanza di Montezemolo

Expetativa perseverante

As exéquias do cardeal Andrea Cordero Lanza di Montezemolo, falecido a 19 de novembro, foram celebradas na manhã do dia 21, no altar da Catedral da basílica de São Pedro. O rito foi presidido pelo vice-decano do colégio cardinalício, que proferiu esta homília.

GIOVANNI BATTISTA RE

«A alma dos justos – disse-nos a primeira leitura – está nas mãos de Deus». Agora o cardeal Andrea Cordero Lanza di Montezemolo, após 92 anos de vida inteiramente transcorrida ao serviço do Papa e da Igreja, está nas mãos de Deus. Com

Depois de se formar em arquitetura, com 24 anos, e de se dedicar brevemente à prática da profissão, Andrea di Montezemolo decidiu consagrar a sua vida completamente a Deus. Entrou no colégio Caprânica e começou a estudar filosofia e teologia na pontifícia universidade Gregoriana. Foi ordenado sacerdote da diocese de Roma em março de 1954.

Obteve a licenciatura em direito canónico e com 34 anos entrou no serviço diplomático da Santa Sé. Após vários anos de serviço em três nunciaturas, foi chamado à Secretaria de Estado, na secção que então se chamava Conselho para os assuntos



Guiné e delegado apostólico nas Ilhas Salomão. Nos países para os quais foi enviado desempenhou com grande afinco e dedicação a tarefa de nuncio apostólico, acompanhando o episcopado local nas iniciativas eclesiais e cuidando das relações com as autoridades civis.

Nos anos que passou como delegado apostólico para Jerusalém e a Palestina na Terra Santa, D. Andrea di Montezemolo foi artífice das negociações que levaram à assinatura do célebre «Acordo fundamental» da Santa Sé com as autoridades israelitas, no qual se reconheceu a natureza singular das relações entre a Igreja católica e o povo judeu, lançando as bases para a diplomacia entre a Santa Sé e o Estado de Israel. Tornou-se assim o primeiro nuncio apostólico em Israel.

Sucessivamente, Andrea di Montezemolo foi transferido para a nunciatura apostólica na Itália; em maio de 2005, nomeado arcebispo da basílica de São Paulo fora dos Muros; e em seguida, criado cardeal.

Ocupou-se com grande alegria da basílica que se eleva sobre o sepulcro do apóstolo Paulo. Neste cargo, trabalhou com dedicação incansável pela boa realização do Ano paulino, inaugurado pelo Santo Padre em junho de 2008. A competência por ele adquirida nos anos juvenis em arquitetura foi-lhe útil nos restauros que promoveu em vários pontos da basílica Ostiense. Em particular, quis que fosse renovado o acesso ao túmulo de São Paulo e promoveu uma pesquisa científica no sarcófago tradicionalmente considerado de São Paulo, cujo exame minucioso confir-

mou que se trata realmente do sepulcro do apóstolo das nações. Além disso, o cardeal mandou examinar com o método do «carbono 14» os restos mortais encontrados no sarcófago, obtendo assim a confirmação de que pertencem ao apóstolo Paulo, ali sepultado depois de ter sofrido o martírio junto das Três Fontes.

Por ocasião destes trabalhos, na escavação do lado setentrional da basílica, foram descobertas as ruínas de um mosteiro dos séculos VII-VIII.

O cardeal distinguiu-se pela paixão e competência pela heráldica eclesial e pelos numerosos braços episcopais dos quais foi autor.

Enquanto na oração confiamos a Deus a alma do cardeal di Montezemolo, a liturgia convida-nos a elevar o olhar além das fronteiras da morte, impelindo-nos a ir com o pensamento rumo àquele mundo no qual o purpurado entrou e que um dia será também nosso.

Confortam-nos as palavras de Cristo, que ressoaram na página do Evangelho: «Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim, nunca morrerá!».

Eram palavras conhecidas pelo cardeal di Montezemolo, que nelas acreditou e esperou, e na sua vida procurou orientar para Cristo quantos encontrou pelo caminho.

Sobre os profundos sentimentos religiosos do defunto, é iluminadora a seguinte prece que, quando era arcebispo da basílica de São Paulo, acrescentou como apêndice ao seu testamento: «O Senhor, peço-te que

CONTINUA NA PÁGINA 15

Pesar do Santo Padre

Ao tomar conhecimento da morte do cardeal Andrea Cordero Lanza di Montezemolo, o Pontífice enviou à irmã do purpurado, Adriana, o seguinte telegrama.

O falecimento do seu querido irmão, o venerado Cardeal Andrea Cordero Lanza di Montezemolo, suscita no meu coração sentimentos de sincera admiração por um estimado homem de Igreja que viveu com fidelidade o seu longo e fecundo sacerdócio e episcopado ao serviço do Evangelho e da Santa Sé. Recordo com gratidão a sua generosa obra nas Representações pontificiais de diversos países, especialmente em Papua-Nova Guiné, Nicarágua, Honduras, Uruguai, Israel e Itália, nas quais se dedicou com sabedoria ao bem dessas populações. Destinado como arcebispo da basílica papal de São Paulo Extramuros deu testemunho de um compromisso particularmente intenso e competente quer sob o ponto de vista pastoral quer organizativo e artístico-cultural, destinado a restituir vitalidade espiritual ao inteiro complexo e novo impulso à vocação ecuménica daquele lugar de culto. Elevo fervorosas preces de sufrágio a fim de que, por intercessão da Virgem Maria e do Apóstolo das nações, o Senhor receba o saudoso Purpurado no júbilo e na paz eterna, e concedo a bênção apostólica à Senhora e aos demais familiares, assim como a quantos partilham a dor pela perda de tão zeloso pastor.

FRANCISCO PP.

fases alternadas, a longa doença preparou-o para este supremo encontro.

Quando fui visitá-lo, depois que tinha voltado para o seu apartamento, a seguir a uma prolongada hospitalização, impressionou-me a serenidade com que esperava a última chamada do Senhor. Alicerçava-o a consciência de que o crepúsculo do cenário deste mundo coincide com a entrada na alegria eterna do Senhor. Ele esforçou-se por lhe consagrar toda a sua existência.

Pertencia a uma antiga família aristocrata piemontesa, por gerações ao serviço dos Saboia. Andrea di Montezemolo nasceu em Turim, filho do coronel medalha de ouro Giuseppe Cordero Lanza di Montezemolo, fuzilado aqui em Roma nas Fossas ardeatinas a 24 de março de 1944, na desumana represália nazista pelo atentado da via Rasella.

Por algumas semanas o coronel Giuseppe di Montezemolo foi preso pelas SS alemãs, porque era o chefe da Frente militar clandestina de Roma, e encerrado no cárcere da via Tasso. O cardeal tinha 19 anos quando esta enorme tragédia o atingiu, bem como a sua família, a qual só recebeu a dramática notícia várias semanas mais tarde.

A sua mãe, Amalia Dematteis, foi auditora leiga durante o Vaticano II.

públicos, e depois foi nomeado secretário da Pontifícia comissão «Iustitia et Pax».

Ordenado arcebispo titular em 1977, foi representante do Papa em várias nações, começando como pró-nuncio apostólico na Papua-Nova

O Papa Francisco constituiu a terceira Secção da Secretaria de Estado com a denominação de Secção para o pessoal com função diplomática da Santa Sé, reforçando o atual departamento do delegado para as Representações pontificiais. A notícia foi comunicada pela mesma Secretaria de Estado na manhã de 21 de novembro.

A Secção, que dependerá do secretário de Estado, será presidida pelo delegado para as Representações pontificiais, atualmente o arcebispo Jan Romeo Pawłowski. Terá a finalidade de demonstrar a atenção e a proximidade do Pontífice e dos superiores da Secretaria de Estado aos funcionários diplomáticos. Para tal finalidade o delegado para as Representações pontificiais poderá prever visitas às sedes das representações pontificiais com regularidade.

A terceira Secção ocupará-se exclusivamente das questões atinentes às pessoas que trabalham no serviço diplomático da Santa Sé ou que se preparam para isto, como por exemplo a seleção, a formação inicial e per-

manente, as condições de vida e de serviço, as promoções, as autorizações.

No exercício destas funções gozará da justa autonomia e, ao mesmo tempo, procurará estabelecer uma estreita colaboração com a Secção para os Assuntos gerais, que continuará a ocupar-se das questões gerais das representações pontificiais e com a Secção para as Relações com os Estados, que se ocupará dos aspetos políticos do trabalho das representações pontificiais. Neste sentido, o delegado para as Representações pontificiais participará, juntamente com o substituto para os Assuntos gerais e o secretário para as Relações com os Estados, nas reuniões semanais de coordenação presididas pelo secretário de Estado. Além disso, ele convocará e presidirá às reuniões ad hoc para a preparação das nomeações dos representantes pontificiais. Por fim, será responsável, juntamente com o presidente da Pontifícia academia eclesial, no que diz respeito à seleção e à formação dos candidatos.

Constituída a terceira Secção da Secretaria de Estado

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 16 de novembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Alexander Van der Bellen, Presidente da República da Áustria, com a Ex.^{ma} Esposa e o Séquito.

Os seguintes Prelados da Conferência Episcopal do Uruguai, em visita «ad limina Apostolorum»: Cardeal Daniel Fernando Sturla Berhouet, Arcebispo de Montevidéu, com o Auxiliar D. Milton Luis Tróccoli Cebedio, e o Arcebispo Emérito D. Nicolás Cotugno Fanizzi; D. Alberto Francisco María Sanguinetti Montero, Bispo de Canelones, com o Auxiliar D. Leopoldo Hermes Garín Bruzzone, e com o Bispo Emérito D. Orlando Romero Cabrera; D. Martín Fabio Pérez Scremini, Bispo de Florida, com o Bispo Emérito D. Raúl Horacio Scarrone Carrero; D. Rodolfo Pedro Wirz Kraemer, Bispo de Maldonado Punta del Este; D. Heriberto Andrés Bodeant Fernández, Bispo de Melo; D. Carlos María Collazzi Irazábal, Bispo de Mercedes; D. Jaime Rafael Fuentes Martín, Bispo de Minas; D. Pablo Jaime Galimberti di Vietri, Bispo de Salto; D. Arturo Eduardo Fajardo Bustamante, Bispo de San José de Mayo; e o Rev.^{mo} Mons. Edgar Arambillet Uhalde, Administrador Diocesano de Tacuarembó.

No dia 18 de novembro

Os Senhores Cardeais Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; Charles Maung Bo, Arcebispo de Yangon (Myanmar); e Jaime Lucas Ortega y Alamino, Arcebispo Emérito de San Cristóbal de La Habana (Cuba).

Sua Ex.^{cia} o Senhor Lelio Marmora, Diretor Executivo da UNITAID.

No dia 20 de novembro

Os Senhores Cardeais Luis Antonio G. Tagle, Arcebispo de Manila (Filipinas); e Gérald Cyprien Lacroix, Arcebispo de Quebec (Canadá); e os

seguintes Prelados da Conferência Episcopal da Hungria, em visita «ad limina Apostolorum»: Cardeal Péter Erdő, Arcebispo de Esztergom-Budapest, com o Auxiliar D. Ferenc Cserháti; D. Fülöp Kocsis, Arcebispo da Igreja Metropolitana «sui iuris» de Hajdúdorog para os católicos de rito bizantino; D. Imre Asztrik Várszegi, Arquiabade Ordinário de Pannonhalma; D. Csaba Tertyák, Arcebispo de Eger; D. Ferenc Palánki, Bispo de Debrecen-Nyíregyháza; D. Miklós Beer, Bispo de Vác, com o Auxiliar D. Lajos Varga; D. András Veres, Bispo de Győr; D. Antal Spányi, Bispo de Székesfehérvár; D. Atanáz Orosz, Bispo de Miskolc para os católicos de rito bizantino; o Rev.^{do} Pe. Ábel Szocska, O.S.B.M., Administrador Apostólico «sede vacante» de Nyíregyháza para os católicos de rito bizantino; D. Balázs Bábel, Arcebispo de Kalocsa-Kecskemét; D. György Udvardy, Bispo de Pécs; D. László Kiss-Rigó, Bispo de Szeged-Csanád; D. Gyula Márfi, Arcebispo de Veszprém; D. László Varga, Bispo de Kaposvár; D. János Székely, Bispo de Szombathely; e D. László Bíró, Bispo Ordinário Militar para a Hungria.

No dia 22 de novembro

No Estúdio da Sala Paulo VI, Sua Ex.^{cia} o Doutor Abdullah bin Fahad Allaidan, Conselheiro do Ministro dos Assuntos Islâmicos da Convocação e da Guia, do Reino da Arábia Saudita.

Ereção de Dioceses

Sua Santidade erigiu:

A 22 de novembro

A Diocese de Cruz das Almas (Brasil), com território desmembrado da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, tornando-a sufragânea da mesma Sede.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 16 de novembro

De D. William J. Justice, ao cargo de Auxiliar da Arquidiocese de São Francisco (EUA).

No dia 18 de novembro

De D. André Rivest, ao governo pastoral da Diocese de Chicoutimi (Canadá).

No dia 21 de novembro

De D. John R. Gaydos, ao governo pastoral da Diocese de Jefferson City (EUA).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 18 de novembro

Para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre o tema *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, que terá início no dia 3 de outubro de 2018 e se concluirá a 28 do mesmo mês:

INFORMAÇÕES

Relator-Geral: o Senhor Cardeal Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília e Presidente da CNBB; e

Secretários especiais: os Rev.^{dos} Padres Giacomo Costa, S.I., e Rossano Sala, S.D.B.

Bispo de Chicoutimi (Canadá), o Rev.^{do} Pe. René Guay, do clero da mesma Sede, até hoje Capelão das Estruturas de detenção de Quebec.

D. René Guay nasceu a 4 de setembro de 1950, em Saint-Thomas-Didyme (Canadá). Foi ordenado Sacerdote no dia 13 de julho de 1975.

Coadjuutor de Caroline Islands (Micronésia), o Rev.^{do} Pe. Julio Angkel, do clero da mesma Diocese, até hoje Pároco da Holy Family Parish, Diretor do departamento para as vocações e a formação, e Diretor da Saint John Vianney Formation House.

D. Julio Angkel nasceu a 12 de abril de 1954, na ilha de Parem (Micronésia). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 3 de dezembro de 1983.

Auxiliar de Gliwice (Polónia), o Rev.^{mo} Mons. Andrzej Iwancki, até agora Pároco da paróquia de São Francisco de Assis em Zabrze, simultaneamente eleito Bispo Titular de Arcavica.

D. Andrzej Iwancki nasceu a 3 de novembro de 1960, em Siemianowice Śląskie (Polónia). Foi ordenado Sacerdote no dia 27 de março de 1986.

A 20 de novembro

Auxiliar de Buenos Aires (Argentina), o Rev.^{do} Pe. Gustavo Oscar Carrara, até agora Vigário Episcopal para as «Villas de emergencia» e Pároco da Paróquia Santa María, Madre del Pueblo em Buenos Aires, simultaneamente eleito Bispo Titular de Tasbaltá.

D. Gustavo Oscar Carrara nasceu a 24 de maio de 1973, em Buenos Aires (Argentina). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 24 de outubro de 1998.

Auxiliar de Lomas de Zamora (Argentina), o Rev.^{do} Pe. Jorge Ignacio García Cuerva, do clero da Diocese de San Isidro, até esta data Pároco da Paróquia Nuestra Señora de la Cava a Beccar, simultaneamente eleito Bispo Titular de Lacubaza.

D. Jorge Ignacio García Cuerva nasceu na província de Santa Cruz (Argentina), no dia 12 de abril de 1968. Foi ordenado Sacerdote a 24 de outubro de 1997.

A 21 de novembro

Bispo de Jefferson City (EUA), o Rev.^{do} Pe. W. Shawn McKnight, do clero da Diocese de Wichita, até agora Pároco da «Church of the Magdalen Parish» em Wichita.

D. W. Shawn McKnight nasceu a 26 de junho de 1968, em Wichita (EUA). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 28 de maio de 1994.

Bispo de Nashville (EUA), o Rev.^{mo} Mons. J. Mark Spalding, do clero da Arquidiocese de Louisville, até à presente data Vigário-Geral e Pároco da «Holy Trinity Parish» e da «Holy Name Parish», em Louisville.

D. J. Mark Spalding nasceu a 13 de janeiro de 1965, em Lebanon (EUA). Foi ordenado Sacerdote no dia 3 de agosto de 1991.

A 22 de novembro

Primeiro Bispo da Diocese de Cruz das Almas (Brasil), D. Antônio Tourinho Neto, até hoje Auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Bispo de Mannar (Sri Lanka), D. Fidelis Lionel Emmanuel Fernando, até agora Auxiliar de Colombo..

Comunicado do Sínodo dos bispos

Na conclusão do conselho de secretaria do Sínodo dos bispos, que teve lugar nos dias 16 e 17 de novembro, o Pontífice anunciou a nomeação do relator-geral na pessoa do cardeal Sérgio da Rocha, arcebispo de Brasília e presidente da CNBB; e dos secretários especiais nas pessoas dos Rev.^{dos} padres Giacomo Costa, jesuíta, e Rossano Sala, salesiano, para a próxima assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos, que terá lugar no Vaticano de 3 a 28 de outubro de 2018. A nomeação de dois secretários especiais está em conformidade com o artigo 14 § 3 do *Ordo Synodi Episcoporum* (cf. cânone 348 § 2 do c.i.c.). Tal função pode ser confiada a eclesiásticos não bispos, como já aconteceu no passado em diversas assembleias sinodais.

Missa em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

xado as suas coisas em casa que não desça: onde estiveres te tomarão, tomar-te-ão no terraço e tu deixarás tudo».

Contudo, «teremos o Senhor, esta é a beleza do encontro», tranquilizou o Papa. «Há dias – acrescentou – encontrei um sacerdote, com cerca de sessenta e cinco anos: não se sentia bem, foi ao médico» o qual «depois da consulta» lhe «disse: “O senhor tem este problema, é uma coisa negativa, mas talvez estejamos a tempo para o curar, faremos isto; se não resultar faremos esta outra coisa e se não se resolver começaremos a caminhar e eu o acompanharei até ao fim». Portanto, comentou Francisco, «aquele médico era bom! Com quanta ternura disse a verdade; acompanhemo-nos nós também neste caminho, vamos juntos, trabalhem, façamos o bem e tudo, mas sempre olhando para lá».

«Hoje façamos isto» concluiu o Papa, porque «será bom para todos parar um pouco e refletir acerca do dia em que o Senhor me vier visitar, me vier tomar para ir com Ele».

Expetativa perseverante

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 14

me concedas: / uma graça generosa que me guie, / uma vontade forte que te procure, / uma sabedoria humilde que te conheça, / uma fé profunda que te adore, / uma gratidão sincera que te louve, / uma esperança confiante que me conforte, / uma caridade ardente que me consuma, / uma conduta honesta que me corrobore, / uma penitência viva que me purifique, / uma expetativa humilde que me perdoe, / uma perseverança paciente que te aguarde, / uma confiança segura que te alcance. / Amém!».

Agora esta sua «perseverança na espera da vinda de Cristo, com a qual se conclui esta oração, encontrou o seu cumprimento no encontro com Deus, na imensidade do seu amor e da sua misericórdia.

Arrastados pelo ressuscitado para a vitória

Na audiência geral o Pontífice prosseguiu as reflexões sobre a importância da missa

Na missa «Jesus arrasta também a nós para fazer a Páscoa com Ele». Continuando as reflexões sobre a importância da celebração eucarística, o Papa Francisco, durante a audiência geral de quarta-feira, 22 de novembro, na praça de São Pedro, explicou o significado da palavra «memorial» e disse que a missa «não é apenas uma recordação, é mais do que isso: significa lembrar o que aconteceu há vinte séculos».

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Prosseguindo as Catequeses sobre a Missa, podemos questionar-nos: o que é essencialmente a Missa? A Missa é o memorial do Mistério pascal de Cristo. Ela torna-nos partícipes da sua vitória sobre o pecado e a morte, e confere pleno significado à nossa vida.

Por esta razão, a fim de compreender o valor da Missa devemos então entender em primeiro lugar o significado bíblico do “memorial”. Ele «não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas... tornam-se de certo modo presentes e actuais. É assim que Israel entende a sua libertação do Egito: sempre que se celebra a Páscoa, os acontecimentos do Êxodo tornam-se presentes à memória dos crentes, para que conformem com eles a sua vida» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1363). Jesus Cristo, com a sua paixão, morte, ressurreição e ascensão ao céu levou a cumprimento a Páscoa. E a Missa é o memorial da sua Páscoa, do seu “êxodo”, que cumpriu por nós, para nos fazer sair da escravidão e nos introduzir na terra prometida da vida eterna. Não é somente uma lembrança, não, é mais do que isso: significa evocar o que aconteceu há vinte séculos.

A Eucaristia leva-nos sempre ao ápice da ação de salvação de Deus: o Senhor Jesus, tornando-se pão partido para nós, derrama sobre nós toda a sua misericórdia e o seu amor, como fez na cruz, de modo a renovar o nosso coração, a nossa existência e a nossa forma de nos relacionarmos com Ele e com os irmãos. O Concílio Vaticano II afirma: «Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, realiza-se também a obra da nossa redenção» (*Cost. dogm. Lumen gentium*, 3).

Cada celebração da Eucaristia é um raio daquele sol sem ocaso que é Jesus ressuscitado. Participar na Missa, em particular aos domingos, significa entrar na vitória do Ressuscitado, ser iluminados pela sua luz, abrasados pelo seu calor. Através da celebração eucarística o Espírito Santo torna-nos partícipes da vida divina que é capaz de transfigurar todo o nosso ser mortal. E na sua passagem da morte para a vida, do tempo para a eternidade, o Senhor Jesus arrasta também a nós com Ele para fazer a Páscoa. Na Missa faz-se a Páscoa. Nós, na Missa, estamos com Jesus, morto e ressuscitado e Ele arrasta-nos em frente, para a vida eterna. Na Missa unimo-nos a



Millie Gift Smith, «He is Risen»

Ele. Aliás, Cristo vive em nós e nós vivemos n'Ele: «Estou crucificado com Cristo – diz Paulo –, já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (*Gl 2, 19-20*). Paulo pensava desta forma.

Com efeito, o seu sangue liberta-nos da morte e do medo da morte. Liberta-nos não só do domínio da morte física, mas da morte espiritual que é o mal, o pecado, que se apodera de nós todas as vezes que somos vítimas do pecado nosso e alheio. E então a nossa vida é contaminada, perde beleza, perde significado, desflora.

Ao contrário, Cristo restitui-nos a vida; Cristo é a plenitude da vida, e quando enfrentou a morte aniquilou-a para sempre: «ressuscitando dos mortos, venceu a morte e renovou vida», confessa a Igreja celebrando a Eucaristia (Oração eucarística IV). A Páscoa de Cristo é a vitória definitiva sobre a morte, porque Ele transformou a sua morte em ato supremo de amor. Morreu por amor! E na Eucaristia, Ele quer comunicarnos este seu amor pascal, vitorioso. Se o recebermos com fé, também nós podemos amar verdadeiramente a Deus e ao próximo, podemos amar como Ele nos amou, oferecendo a vida.

Se o amor de Cristo estiver em mim, posso doar-me plenamente ao outro, na certeza interior que mesmo se o outro me ferir eu não morrerei; caso contrário, teria que me defender. Os mártires ofereceram a própria vida devido a esta certeza da vitória de Cristo sobre a morte. Só se experimentarmos este poder de Cristo, o poder do seu amor, seremos realmente livres de nos doarmos sem

nos afastarmos de algo tão bonito que é a Missa, o triunfo de Jesus.

Penso que agora é mais claro que a Páscoa se torna presente e ativa todas as vezes que celebramos a Missa, ou seja, o sentido do memorial. A participação na Eucaristia faz-nos entrar no mistério pascal de Cristo, concedendo-nos a oportunidade de passar com Ele da morte para a vida, ou seja, no calvário. A Missa significa percorrer o calvário, não é um espetáculo.

No final da audiência, o Santo Padre recordou a coleta organizada, para sábado próximo, pela Fundação Banco Alimentar, realçando que esta iniciativa dá continuidade ao dia mundial dos pobres celebrado no domingo passado. Por fim, saudou os vários grupos linguísticos presentes, dirigindo aos de expressão portuguesa as seguintes palavras.

Amados peregrinos de língua portuguesa, cordiais saudações a todos vós, de modo particular ao grupo de Nova Suíça, Belo Horizonte: convidado-vos a olhar com confiança o vosso futuro em Deus, levando o fogo do seu amor ao mundo. É a graça da Páscoa que frutifica na Eucaristia e que desejo abundante nas vossas vidas, famílias e comunidades. De bom grado abençoo a vós e aos vossos entes queridos!

Dirijo um pensamento especial também aos jovens, aos doentes e aos recém casados. Hoje celebramos a memória de Santa Cecília. Queridos jovens, seguindo o seu exemplo, cresci na fé e na dedicação ao próximo; queridos doentes, no sofrimento experimentai a ajuda de Cristo que está sempre ao lado de quem vive a provação; e vós, queridos recém-casados, tende o mesmo olhar de amor puro que teve Santa Cecília, para aprender a amar incondicionalmente. E rezemos a todos Santa Cecília: que nos ensine a cantar com o coração, que nos ensine o júbilo de ser salvos.



Antes da audiência geral, o Papa recebeu, no gabinete da Sala Paulo VI, o doutor Abdullah bin Fahad Allaidan, conselheiro do ministro dos Assuntos islâmicos da convocação e da guia do reino da Arábia Saudita, na chefia da delegação composta por outras personalidades sauditas